



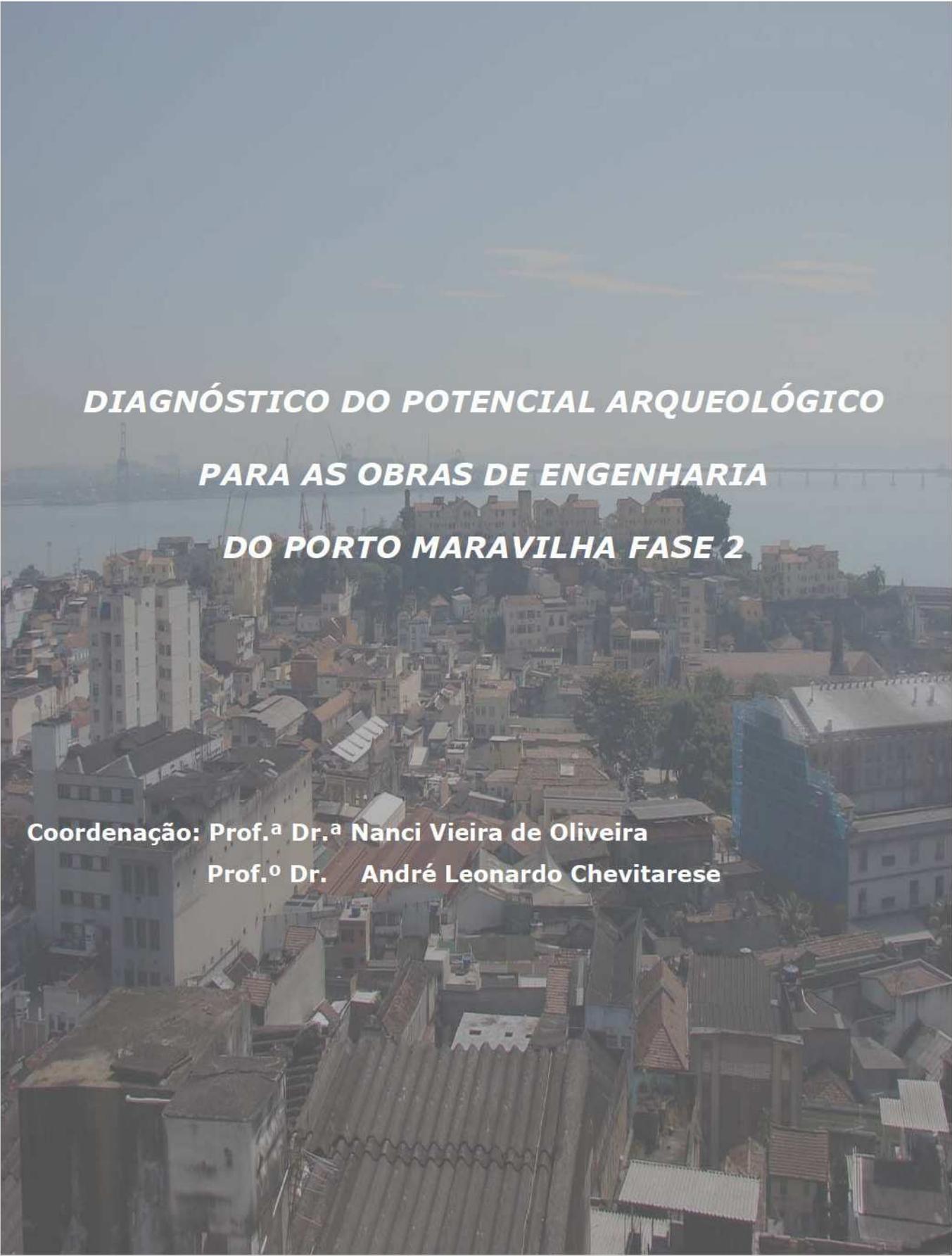
# Diagnóstico do Potencial Arqueológico para as obras de engenharia do Porto Maravilha

Fase 2 - Agosto 2011



TRANSPARÊNCIA

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO URBANO DA  
REGIÃO DO PORTO DO RIO DE JANEIRO - CDURP



**DIAGNÓSTICO DO POTENCIAL ARQUEOLÓGICO  
PARA AS OBRAS DE ENGENHARIA  
DO PORTO MARAVILHA FASE 2**

**Coordenação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nanci Vieira de Oliveira  
Prof.<sup>o</sup> Dr. André Leonardo Chevitaese**

**Agosto - 2011**

## **1. INTRODUÇÃO**

O centro da cidade do Rio de Janeiro abriga um patrimônio arquitetônico magnífico, que testemunha todo o processo de desenvolvimento da cidade. Convém lembrar que estes testemunhos não se encontram apenas registrados em superfície, plenamente visíveis para a população, mas também, em seu subsolo urbano.

Cabe enfatizar que patrimônio arqueológico corresponde ao patrimônio material que engloba todos "os vestígios da existência humana e interessa todos os lugares onde há indícios de atividades humanas, não importando quais sejam elas; estruturas e vestígios abandonados de todo tipo, na superfície, no subsolo ou sob as águas, assim como o material a eles associados. (ICOMOS / ICAHM LAUSANNE – 1990, art. 1º)

Assim, toda e qualquer forma de intervenção no subsolo com potencialidade arqueológica pode ser considerada como uma destruição ao sítio arqueológico ali existente, uma vez que toda a evidência arqueológica é finita.

A proteção ao patrimônio arqueológico exige um conhecimento, o mais completo possível de sua existência, extensão e características, através de inventários do potencial arqueológico.

Com relação aos estudos prévios para licenciamentos de empreendimentos a Resolução CONAMA Nº1 /1986 já havia inserido a necessidade de estudos dos sítios e monumentos arqueológicos, históricos e culturais, em consonância com a lei federal Nº 3924, de 26 de julho de 1961.

Cabe mencionar que a preocupação com o patrimônio da cidade do Rio de Janeiro também está referendada por legislação estadual (Decreto-Lei nº 2, de 11 de abril de 1969; Lei nº 509, de 3 de dezembro de 1981; Decreto nº 5.808, de 13 de julho de 1982; Constituição do Estado do Rio de Janeiro, de 5 de outubro de 1989 - Artigo 73; Decreto nº 23.055, de 16 de abril de 1997) e por legislação municipal (Lei nº 161, de 05 de maio de 1980; Lei nº. 166 de 27 de maio de 1980; Decreto nº 4141 de 14 de julho de 1983; Lei nº 506 de 17 de janeiro de 1984; Lei nº 971 de 4 de maio de 1987; Plano Diretor da Cidade, Lei Complementar nº. 16 de 4 de junho de 1992 - art. 128, III e IV e art. 130, V; Decreto Nº 24420 de 21 de julho de 2004 e Decreto n.º 30.855, de 30 de junho de 2009).

De forma a conciliar a urgência das licenças com os estudos de Arqueologia Preventiva, o IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) através da portaria Nº 230, de 17 de dezembro de 2002, normatizou os procedimentos para os estudos arqueológicos da arqueologia de acordo com a lei Nº 3924 e a

Portaria 07 de 1º de dezembro de 1988 que trata da autorização para as intervenções arqueológicas.

Entretanto, o crescimento de pesquisas arqueológicas nos centros urbanos é recente no Brasil, o que resulta na necessidade de seu amadurecimento e consolidação no âmbito das políticas públicas. Sítios urbanos são definidos como resultado do processo histórico e consolidação de um espaço, integrando fenômenos complexos que se relacionam a um contexto geográfico mais amplo. Assim, podemos utilizar um conceito de cidade como lugar de patrimônio socialmente produzido e de acumulação de vestígios culturais de distintos períodos e de diferentes categorias sócio-culturais.

Um dos desafios da Arqueologia Urbana é ter por objeto uma cidade cujo crescimento foi acompanhado por um processo de destruição de testemunhos do passado, mas que, por outro lado, é uma cidade viva. Desta forma, a cidade apresenta como foi mencionado anteriormente, tanto testemunhos em superfície como lugares de memória, como também em seu subsolo. Um estudo de Arqueologia Urbana exige muito além de intervenções diretas (prospecções e escavações), mas análises sistemáticas de todo tipo de evidências materiais do passado, já que estas refletem as mudanças sociais e as transformações urbanas. O patrimônio de uma cidade é constituído por sítios claramente definidos e por bens arqueológicos em superfície, subsuperfície e subaquático.

A cidade como patrimônio representa um processo de "artificialização" do ambiente que resulta na sucessão de cenários, ou seja, uma paisagem construída em toda a sua complexidade. Assim, uma das abordagens utilizada pelo arqueólogo deve ser o da Arqueologia da Paisagem, pois a leitura arqueológica não é apenas a do ecossistema, mas a cidade como lugar de diferentes "assinaturas antrópicas" que ocorrem de forma diacrônica (Morais, 2007).

Assim, a primeira etapa da pesquisa arqueológica consiste em um inventariamento preliminar do potencial arqueológico, incluindo os compartimentos da paisagem, os conjuntos urbanos, as edificações e setores de interesse para a Arqueologia. Os inventários arqueológicos constituem fontes primárias que fornecem ponto de partida para as investigações arqueológicas das etapas seguintes, mas que ao mesmo tempo deve ser um processo dinâmico e permanente.

Nesta etapa o foco é a área de influência expandida, onde as observações têm por objetivo avaliar o potencial arqueológico a partir de informações orais e de fontes secundárias, resultando na elaboração de uma base cartográfica com o georeferenciamento dos bens patrimoniais inventariados, os geoindicadores arqueológicos e as paisagens de interesse para a Arqueologia.

O inventariamento permite a definição de uma matriz de impactos decorrente das intervenções que venham a acontecer no subsolo, a definição de proposta de intervenções arqueológicas e acompanhamento através de um Monitoramento Arqueológico planejado com a empresa.

As intervenções arqueológicas podem utilizar uma série de métodos de pesquisa, como a exploração não destrutiva, com tecnologias não invasivas de terreno e construções, passando pelas sondagens/prospecções limitadas, coletas por amostragem e, caso necessário, escavação integral.

Assim, a segunda etapa de um trabalho arqueológico consiste na execução dos registros arqueológicos, devidamente articulado com o cronograma de execução das obras de engenharia. Cabe enfatizar que tal procedimento ocorre nas áreas diretamente afetadas (ADA), apresentado um recorte do seu entorno (AID) o que fornece informações contextuais que permitem a avaliação dos vestígios arqueológicos, permitindo a ampliação e detalhamento da primeira etapa. O monitoramento e as sondagens/prospecções são acompanhados de coletas controladas e registros de estratigrafia. O Monitoramento Arqueológico planejado permite também o conhecimento de todo o entorno que deverá ser impactado pelas obras.

O presente Diagnóstico tem como principal objetivo apresentar os resultados dos estudos preliminares sobre as áreas de interesse do projeto de revitalização da Região Portuária do Rio de Janeiro, que envolve parte do centro da cidade e Cidade Nova, a região portuária (Saúde, Gamboa, Santo Cristo e Caju) e São Cristóvão, bem como uma proposta de prospecções e acompanhamento das obras.

## **2. OBJETIVOS**

A cidade do Rio de Janeiro em vários aspectos foi e ainda é objeto de estudos em diferentes áreas de conhecimento. Assim, muito do patrimônio cultural existente na área do empreendimento é conhecido, com uma produção bibliográfica muito significativa. Entretanto, ainda podem existir algumas regiões que não tenham sido identificadas e mapeadas, o que confere importância a um planejamento arqueológico com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre a região em questão.

Assim, como objetivos específicos para o Diagnóstico não interventivo foi estabelecido:

- ✓ Identificação das áreas a serem objetos de intervenção pelas obras de engenharia;
- ✓ Levantamento de informações sobre o patrimônio histórico/arqueológico registrado e/ou tombado a nível federal, estadual e municipal;

- ✓ Levantamento das informações bibliográficas e documentais sobre a região em estudo;
- ✓ Identificação dos setores que foram objetos de intervenções humanas nos séculos XIX e XX;
- ✓ Elaboração de uma base de informação histórico-arqueológica da área de estudo georeferenciada.

### **3. METODOLOGIA**

Para a identificação dos locais de interesse arqueológico utilizamos de documentação histórica dos séculos XVIII até o XX, documentação cartográfica e bibliográfica para podermos pontuar o que existiu e o que permanece e que, provavelmente, poderá ser afetado diretamente pelas obras de engenharia.

Procuramos também identificar os bens arqueológicos registrados na região, bens tombados ou de interesse histórico dentro da área que serão de forma direta ou indireta, impactados pela implantação do projeto.

De forma a compreender o contexto histórico em que se insere a área do empreendimento tornou-se necessário conhecer os principais aspectos da evolução da ocupação da região, as grandes transformações que ocorreram na cidade que geraram demolições, desmontes e aterros, bem como aspectos da população e sua distribuição espacial. Assim, a partir do cruzamento das informações obtidas através de documentos impressos e cartográficos, os dados foram sobrepostos de forma a espacializar as informações.

Cabe destacar a utilização do mapeamento realizado por Barreiros (1965), resultado de sobreposição de mapas e cartas históricas da cidade do Rio de Janeiro, permitindo uma análise da expansão urbana da cidade. Entretanto, para a identificação de edificações ou espaços sociais foi utilizada cartografia do século XVIII ao XX.

A base cartográfica que permitiu um melhor detalhamento foi obtida através do site <http://www.unicamp.br/cecult/mapastematicos/>, que corresponde as plantas publicadas originalmente por Edward Gotto, em Plan of the City of Rio de Janeiro, de 1866. Nestas plantas se pode verificar toda a ocupação urbana do Rio de Janeiro do período, onde se encontra registrado cada lote com a respectiva numeração e sua ocupação pela área construída na época. A partir de um trabalho comparativo dos pesquisadores do CECULT o site também disponibiliza a configuração da cidade em 1905, com as modificações resultantes das reformas urbanas de Pereira Passos, bem como as configurações sócio-culturais da área da freguesia de Santana e de Santa Rita, resultados das pesquisas de Maria

Clementina Pereira Cunha (2001), Claudio Henrique de Moraes Batalha (2000) e Sidney Chalhoub (2001).

Cabe ressaltar a importância de confrontação de informações destas bases cartográficas (1866) com o Almanak Lammert, periódico do século XIX, que traz os endereços das edificações públicas e religiosas, dos estabelecimentos comerciais e indústrias.

Assim, a constituição de uma base de dados permite não só armazenar informações, mas também, confrontar e estabelecer relações de forma a produzir mais informação que será utilizada na interpretação arqueológica.

Na fase de monitoramento e prospecções utilizaremos a planta cadastral na escala de 1:2.000 retificada, como referência para a plotagem das informações históricas e arqueológicas da área de estudo. A plotagem das informações georreferenciadas permitirá com mais exatidão a espacialização dos contextos histórico-culturais na área objeto das intervenções das obras de engenharia, de forma a subsidiar a identificação e análise dos vestígios arqueológicos.

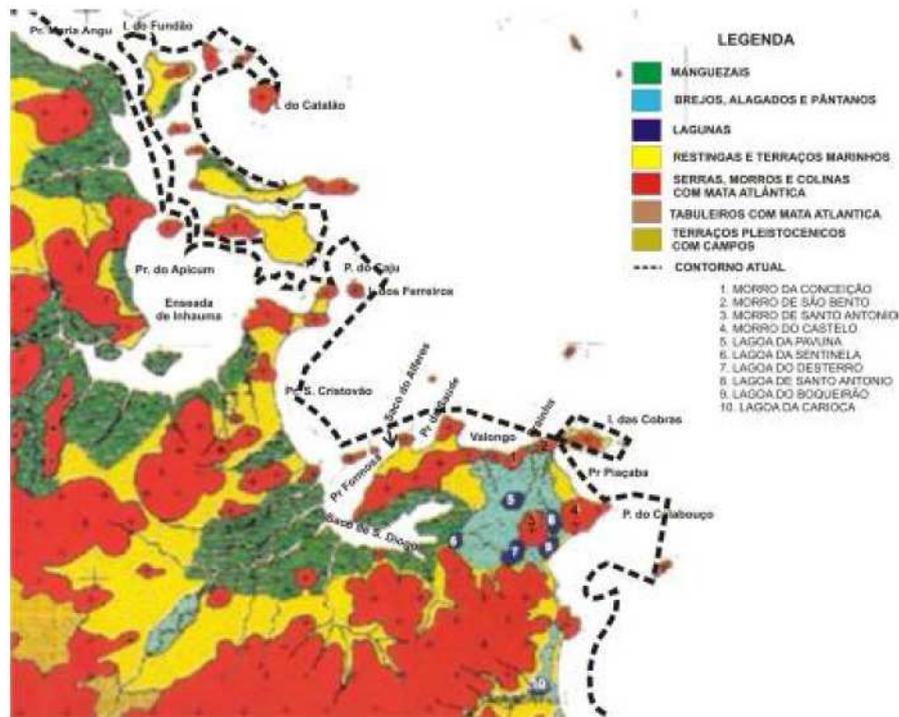
A sobreposição dos mapas históricos e informações bibliográficas na referida planta permitirá também identificar os setores que foram aterrados, contribuindo na otimização da análise amostral durante as intervenções das obras de engenharia.

A metodologia utilizada pela Arqueologia Histórica, Urbana e da Paisagem busca resgatar da melhor forma possível os movimentos e as mudanças tecnológicas e espaciais que ocorreram ao longo dos tempos. Como a expansão da cidade do Rio de Janeiro ocorreu através de drenagens, dessecamentos, aterros e demolições, um levantamento das intervenções em diferentes pontos da cidade e suas relações com a área objeto de estudo, tornou-se de grande importância de forma a responder de onde vieram os aterros que ocorreram na área objeto do empreendimento. A análise de diferentes estudos realizados por historiadores e arquitetos, bem como de fotografias do século XIX e das primeiras décadas do XX, auxiliam na compreensão da materialidade de tais eventos.

#### **4. A CIDADE DO RIO DE JANEIRO E A ZONA POTUÁRIA**

A baía de Guanabara era contornada por elevações e morros isolados cobertos com vegetação típica de matas ombrófilas densas, restingas e planícies baixas e embrejadas. É nesta paisagem que é fundada a cidade do Rio de Janeiro, que transferida para morro do Castelo, encontrava-se cercada de pântanos e alagadiços. O crescimento da cidade resultou na necessidade de conquista da várzea, mas até o século XVII as ocupações coloniais ficam restritas a uma faixa próxima ao litoral, em área de restinga que se estendia entre os morros do Castelo,

de São Bento, de Santo Antônio e da Conceição. Além desta linha encontrava-se uma planície baixa e embrejada, recoberta de lagoas, onde o alto nível hidrostático diminuía a capacidade de absorção do solo, tornando o mesmo alagadiço ou sujeito a inundações periódicas, principalmente quando as precipitações pluviométricas eram coincidentes com a maré alta.



Mapa baseado em Amador, 1997

Esta planície baixa, alagadiça e com manguezais levará séculos para ser conquistado definitivamente pela cidade. De acordo com Amador (1997:227) esta planície conhecida como Pantanal ou Mangal de São Diogo se estendia até o atual Campo de Santana, que correspondia a um antigo terraço de areias marinhas, bem como até a atual Praça da Bandeira, de onde se seguia uma área de brejos até a Tijuca.

O Mangal de São Diogo estava inserido no sistema de estuário da Guanabara, onde havia abundância de peixes, moluscos, camarões, caranguejos e siris, que eram explorados por diversas aldeias Tupinambá ou Tamoios, implantadas sobre pequenas elevações ou terraços. Uma fauna variada também era encontrada neste sistema onde vegetações de restingas, manguezais e florestas estavam em contato.

As áreas de manguezais eram procuradas por índios de diversas aldeias da baía de Guanabara, como também se verifica a existência, nas proximidades dos mangues, de outras tantas aldeias, além do fato de outras etnias descerem a serra para a coleta e pesca (Serafim Leite, 1938). A conquista e fundação da cidade do

Rio de Janeiro, a manutenção de aldeias e os aldeamentos implantados no litoral durante os séculos XVI e XVII terão como objetivo a defesa de invasão estrangeira e a segurança da navegação portuguesa pela costa brasileira (Oliveira, 2002:87). Cabe lembrar que ainda no século XVI indígenas chefiados por Araribóia, cuja aldeia se encontrava nas terras dos jesuítas em São Cristovão, não muito distante do Saco de São Diogo, repeliram um ataque Tupinambá.

Nos dois primeiros séculos de ocupação da cidade, o embarque e desembarque de pessoas e mercadorias ocorriam em diferentes cais construídos em pontos abrigados. A intensificação das ocupações coloniais, a exploração de ouro e a transformação da cidade em capital da colônia resultarão em intervenções no espaço físico da cidade através de aterros de lagoas e brejos, bem como a retificação da orla marítima que permitiram o surgimento de novos ancoradouros, além de obras de defesa. Até o início do século XVIII as enseadas da Gamboa, Saúde, Saco de Alferes e São Diogo apresentava poucas ocupações coloniais, já com a presença das igrejas de N.S. da Conceição no morro de mesmo nome e a de São Francisco da Prainha, havendo também habitações de pescadores.

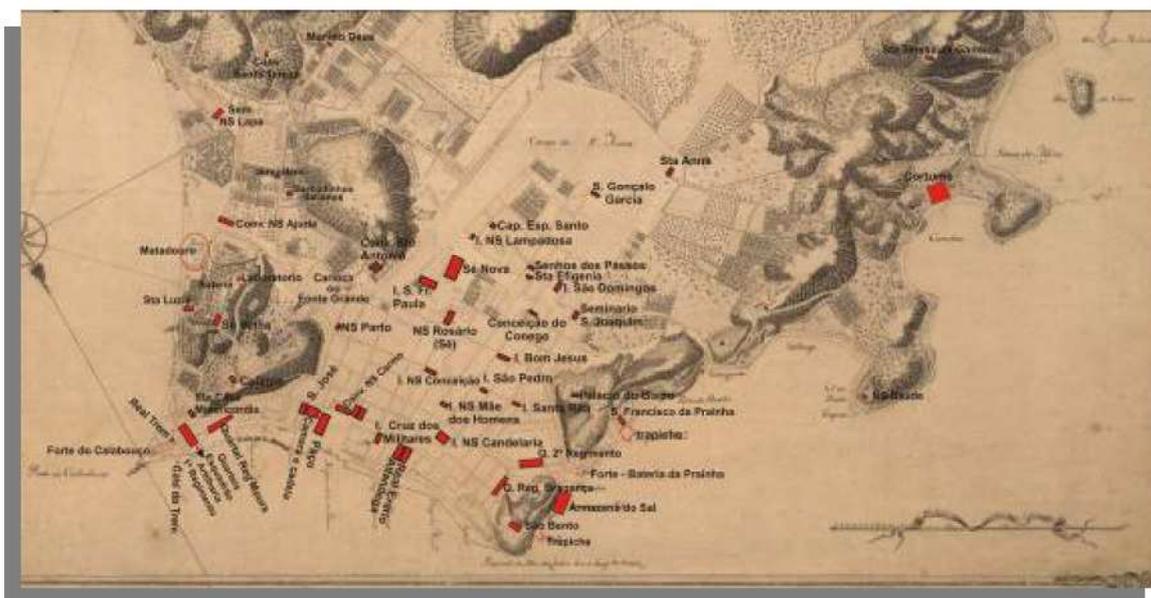
As primeiras intervenções são motivadas pelas frequentes inundações e para expansão de novas áreas a serem ocupadas. Assim, as lagoas foram as primeiras a sofrerem intervenções. A primeira delas, ainda no século XVII, foi a de Santo Antonio situada onde hoje é o largo da Carioca. Como podemos observar na prancha nº 6 de Barreiros (1965) esta lagoa possuía comunicação com o mar por meio de um valado por onde a água era escoada durante as enchentes, que se dirigia para a Prainha (atual Praça Mauá). Em 1643 foi iniciada a drenagem da Lagoa através do alargamento e aprofundamento deste canal, dando origem a rua da vala, que limitava a cidade com a região pantanosa. Esta Vala construída em pedra e cal foi reformada ainda no século XVII, possuindo de acordo com Dias & Rossio (2010:32) 66cm de altura e 88cm de largura. Seu traçado corresponde às atuais ruas Uruguaiana e Acre.

Neste mesmo século a praia D. Manuel foi aterrada e a atividade portuária de estendeu para a praia do Mercado (Lamarão, 2006:26)

O Rio de Janeiro era uma cidade sobressaltada com o perigo de ataque e invasões estrangeiras, o que se confirmou no início do século XVIII, quando a cidade foi ocupada pelos franceses. Além de melhorias em suas fortificações para proteger a sua baía e seu porto foi construído um muro entre os morros da Conceição e de Santo Antonio.

Entre as intervenções no século XVIII também merece destaque o desmorte do Morro das Mangueiras para o aterro das lagoas do Boqueirão e do Desterro, sendo a primeira mais profunda, onde foi construído o Passeio Público. Até meados deste século a região do Valongo ainda era de difícil acesso e coberto por lodaçais, havia apenas um rústico caminho que somente em 1760 receberá melhorias passando a ser denominado como Rua do Valongo (atual Camerino).

A intensificação do movimento portuário resultou no surgimento de novas edificações para além da Prainha e a região passou a assumir sua característica portuária. A região foi fortificada com a construção de uma fortaleza no morro da Conceição e uma bateria na Prainha. O desembarque de passageiros e mercadorias nobres se concentrava no cais entre os morros do Castelo e de São Bento, ficando os ancoradouros situados entre a Prainha e a Saúde recebendo os produtos trazidos pelas embarcações de maior porte e pelas que atravessavam o recôncavo da Guanabara trazendo produtos do interior.



Detalhe com as edificações ressaltadas em vermelho - *Plano da cidade do Rio de Janeiro elevado em 1791 oferecido ao Ilmo. Senhor Concelheiro Luis Beltrão de Gouveia de Almeida chanceler da rellação desta cidade.* Betancurt, Francisco Antonio da Silva -1803 - BN Cartografia ARC.026,05,041

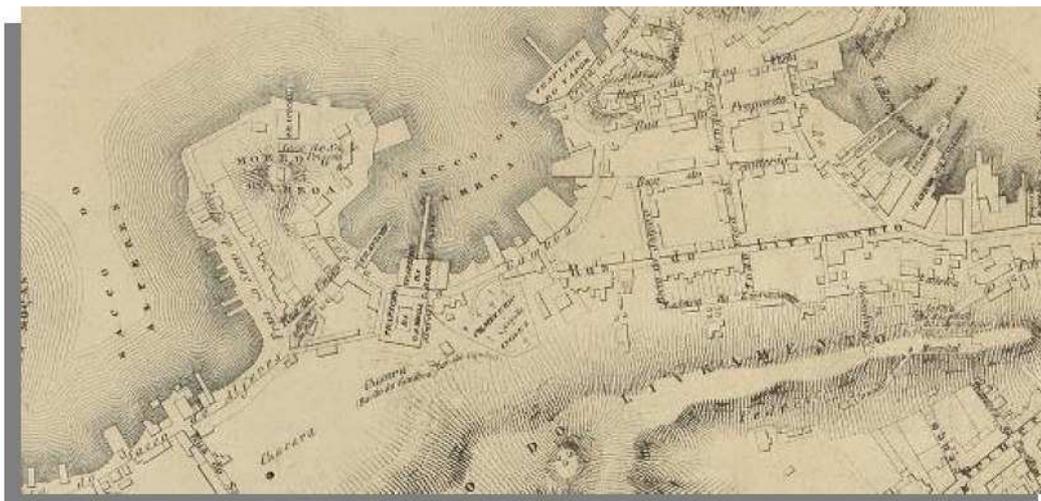
Uma das preocupações das autoridades coloniais eram as freqüentes epidemias que assolavam a cidade, muitas associadas à chegada de novos escravos. Assim, em 1810 define-se um local na Saúde para a construção de um Lazareto para os Pretos Novos.



*Detalhe da Planta da muito leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. 1852 , BN , cart309952*

Da Prainha até São Cristovão, região de chácaras foi se estabelecendo pontos de desembarque, trapiches, depósitos, armazéns, além da transferência do mercado de escravos para as proximidades do trapiche do Valongo.

Esta região estava subordinada a Freguesia de Santa Rita e, os escravos recém chegados eram enterrados no cemitério existente no largo em frente à igreja. O aumento do trafico de escravos e, conseqüentemente, o número de mortos não podia mais ser comportado no espaço deste cemitério. Assim, como a região da Gamboa ainda era pouco habitada foi escolhido um novo local para cemitério com "cinco braças em quadra", não muito distante do Mercado de escravos e trapiche do Valongo. Na mesma região, no início do século XIX, é construído o Cemitério dos Ingleses.



*Detalhe da Planta da muito leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. 1852 , BN , cart309952*

O crescimento das atividades portuárias no final do século XVIII proporcionou uma ocupação de caráter urbana ao litoral entre a Prainha e a Saúde, acompanhada por abertura de ruas e dessecamento dos brejos do Valongo. No início do século XIX os trapiches chegam à Gamboa e Saco do Alferes (Cruz, 1999:5). Assim, enquanto cresciam as edificações próximas a praia, nos morros se mantinha as chácaras até meados do século XIX. Com a expansão urbana nesta região e a intensificação do tráfico para atender a lavoura cafeeira ocorre o aumento de enterramento de escravos e as reclamações dos moradores pelos cadáveres insepultos. Após várias denúncias o cemitério dos Pretos Novos foi fechado. O local durante anos ficou conhecido como rua do cemitério.

O aumento da produção de café provocou a expansão das atividades portuárias até o Saco de Alferes. Assim, temos a primeira expansão do porto do Rio de Janeiro ao alcançar as praias da Saúde e Gamboa e, ao mesmo tempo, ocorriam aterros em parte do Saco de São Diogo nas proximidades do Caminho do Aterrado.



Detalhe da Planta do Rio de Janeiro Michellerie, E. de La. 1831. BN cart326112

Aterros também foram realizados na Prainha, Valongo, Gamboa e Saco do Alferes de forma a atender a intensa atividade portuária e a instalação de Companhias de Navegação, bem como a instalação de estaleiros, fundições,

serralherias, ferrarias, de velas de sebo, de velas para navio, marcenarias e serrarias. Na rua do Valongo (rua da Imperatriz e hoje rua Camerino) se instala a Fundação Imperial (1829), que no início do século XX passa a ser Fundação Indígena, responsável por peças expostas pela cidade e outros estados.

Art. 1223

**FUNDAÇÃO DE FERRO, BRONZE E SINOS (IMPERIAL).**

Rua Imperatriz, 118, 120 e 122, Telef. 58.

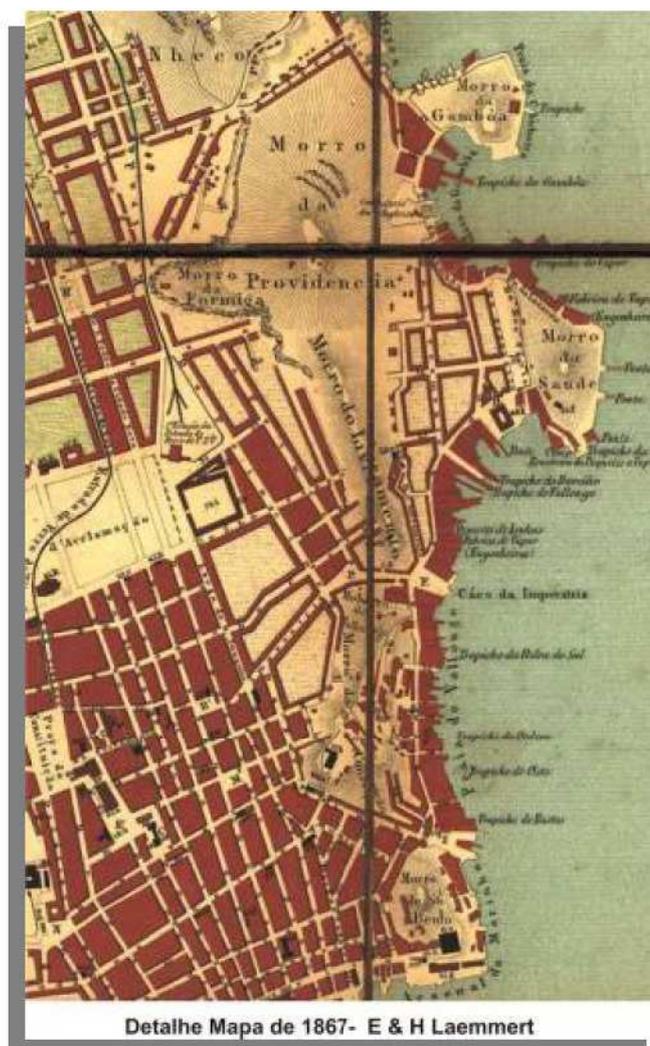
Com oficinas de máquinas, serralheria e modelador de COSTA FERREIRA & C. ; socios: Custodio da Costa Ferreira, engenheiro mecânico.

João Parinha dos Santos, nº 6, 1º machinista da armada nacional, r. Silva Manoel, 25.

Apromptão com perfeição em pouco tempo toda a especie de máquinas e quaisquer peças artísticas de fundição e machinismos. (Para mais informações, vide *Notabilidades* pags. 1970 e 1971).

*Almanak Lammert, 1889 pág. 1373*

O Cais do Valongo, devido às melhorias e ao fato de estar adaptado a navios de maior calado, foi o escolhido para o desembarque da D. Teresa Cristina em 1843 (Thiesen, & Barros, 2009). O referido Cais vem sendo objeto de pesquisa arqueológica, estando associado ao Projeto Porto Maravilha – Fase 1.



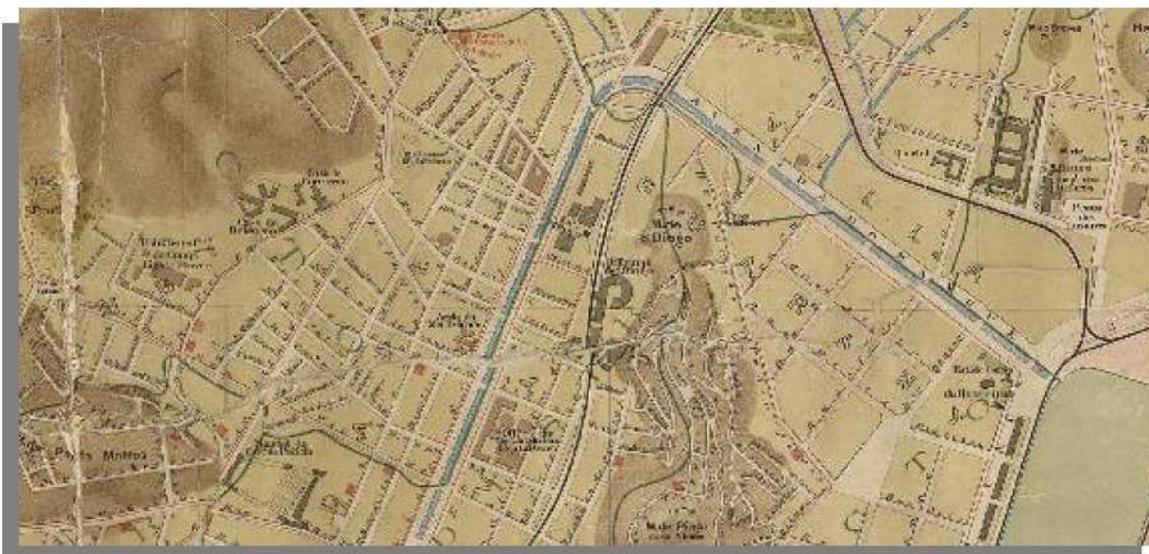
O período das décadas de 1850 a 1870 foi marcado por uma série de intervenções na área portuária com construção de cais, docas, armazéns e melhorias na cidade. Neste período houve a construção das Docas D. Pedro II, que acabou limitada a um cais com 160 m de extensão entre a Pedra do Sal e a Praça Municipal (Lamarão, 2006: 61-64).

Entre as melhorias na cidade destacamos a construção da Estação da Estrada de Ferro, no local da primitiva Igreja de Santana em 1858; a obras de canalização do Mangue pelo Barão de Mauá; a iluminação a gás e a implantação, em 1862, dos sistemas coletivos de esgotos, que em três anos começou a operar na Gamboa (Dias & Rosso, 2010:42). Também é deste período a implantação do primeiro sistema de água encanada (1875), existindo ainda o reservatório instalado no Morro do Pinto, no Morro do Livramento e no Morro de São Bento (Lamarão, 2006, site do INEPAC, 2011).



Estação D. Pedro II. Foto de Marc Ferrez – século XIX

A década de 1870 será marcada por significativas intervenções urbanísticas, precursoras as reformas a serem realizadas por Pereira Passos e Carlos Sampaio. Os estudos apontam a necessidade do arrasamento de diversos morros como o de Santo Antônio, do Castelo e do Senado, sendo previsto o uso destas terras para aterro de alagados e da costa da baía da Guanabara. A terra do desmonte do morro do Senado foi utilizada para aterrar a extensa área da enseada de São Diogo, área que se estendia entre o morro de São Diogo e o morro da Gamboa. O aterro uniu ao continente as ilhas dos Melões e das Moças, bem como fez desaparecer as praias Formosa, Palmeiras e o Saco do Alferes (Mello, 2003; Lamarão, 2006; Dias & Rosso, 2010). Novas ruas são abertas e surge o bairro Guarany.

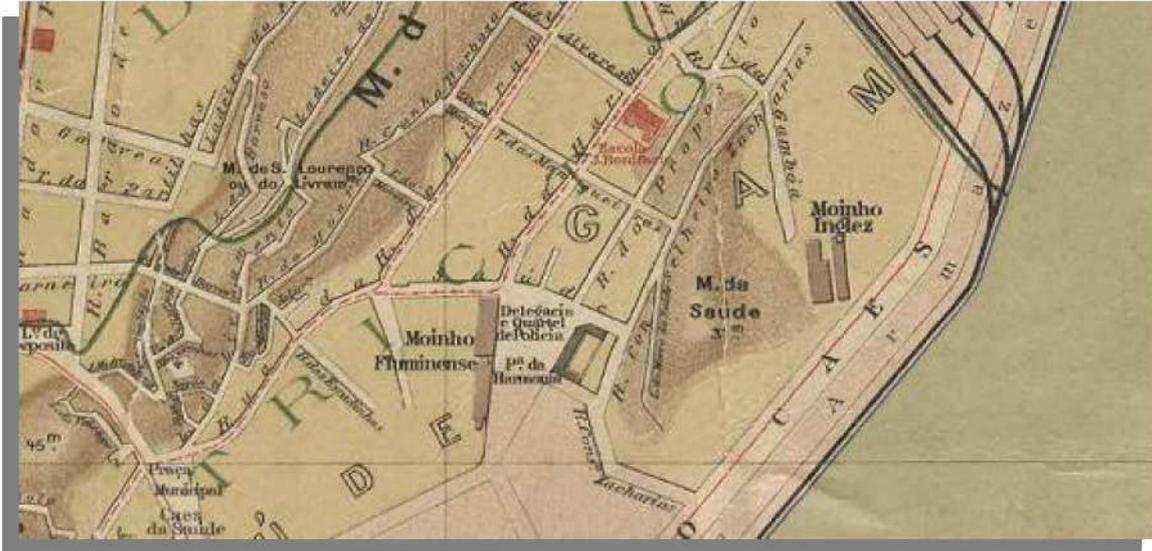


Detalhe do mapa de Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos. 1910. BN - cart 174229

O porto do Rio de Janeiro chega ao fim do século com um complexo de unidades independentes ocupando o continente até as proximidades de São Cristóvão e algumas ilhas. Como menciona Cruz (1999:4),

“Nesta orla marítima estavam localizadas: as Docas da Alfândega e do Mercado, construídas de 1853 a 1877; as Docas D. Pedro II, edificadas por Rebouças entre 1871 e 1876; o dique da Saúde, destinado ao conserto de navios; a Estação Marítima da Gamboa, construída pela Central do Brasil entre 1879 e o início da década de 1880; dois complexos privados de cais e silos e, por fim, mais de sessenta trapiches, que se sucediam quase colados um ao outro da Prainha a S. Cristóvão. Nas ilhas estavam situados o serviço de inflamáveis e corrosivos, o depósito público de pólvora e vários depósitos de carvão de companhias comerciais particulares, entre as quais, Wilson, Sons, na ilha da Conceição, Brazilian Coal, na ilha dos Ferreiros, e Lage & Irmãos, na ilha do Viana, local onde existia também um entreposto, propriedade da mesma firma.”

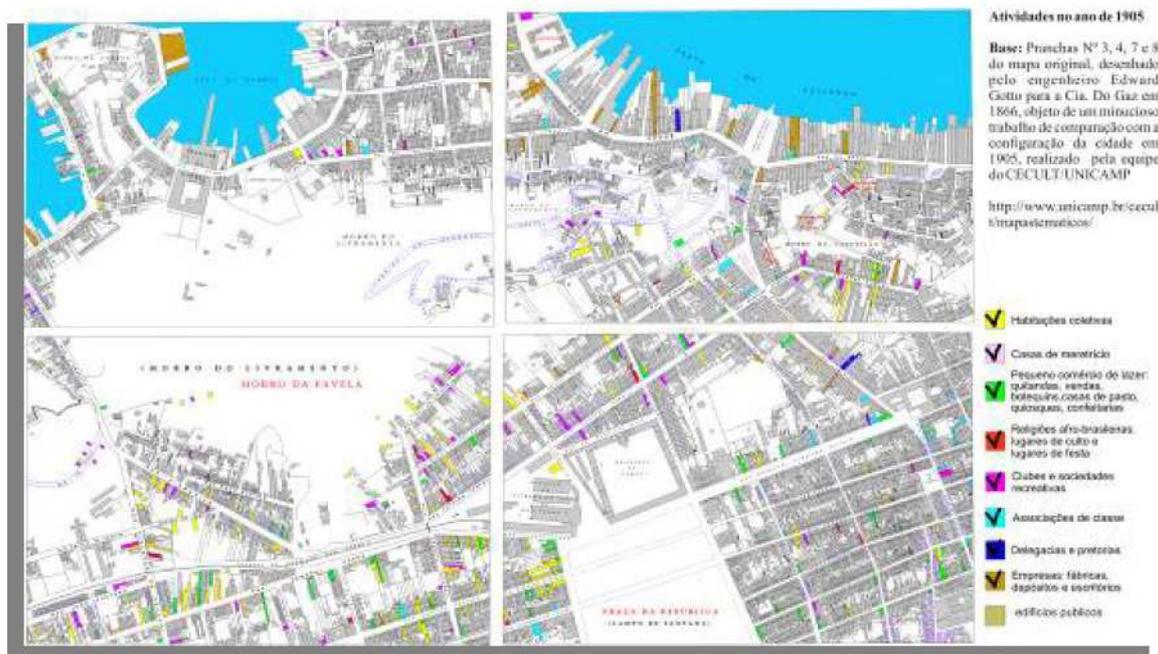
Na área, neste findar do século, ainda se destacam o Dique da Saúde que teria começado a funcionar entre 1880 e 1890, construído Industrial Finnie e depois arrendado ao Lloyd Brasileiro; o Moíno Inglês (Rio de Janeiro Flour Mills and Graneries Limited), autorizado pelo decreto 9763 de 07/07/1887, possuía um cais privativo com 145 metros de comprimento; e o Moíno Fluminense que havia se instalado também em 1887, ambos da Rua da Saúde.



Detalhe do mapa de Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos. 1910. BN - cart 174229

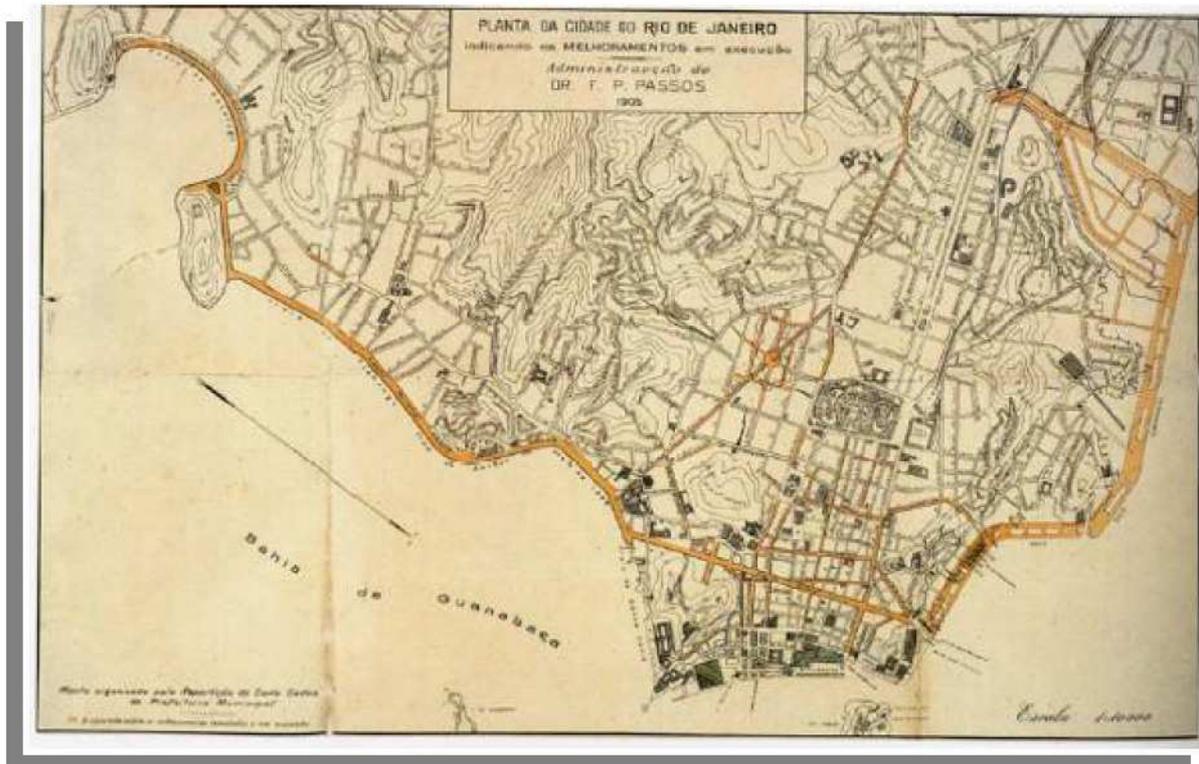
Na região portuária e adjacências havia uma população em sua maioria de negros e mestiços, como também se registrava a presença de imigrantes, ocupando casas coletivas e cortiços. Uma população que foi diretamente afetada pelas reformas urbanas do século XX.

Entretanto, a ação sobre os cortiços e casas coletivas (hospedarias) teve início no final do século XIX. De acordo com Arantes (2005) a zona portuária e arredor da Cidade Nova e Praça Onze foram locais de grande concentração dos negros (africanos ou crioulos) oriundos da Bahia, que chegavam aos montes no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. É nesta região que concentrava o maior número de cortiços e a maioria esmagadora de presos nos anos de 1901 e 1902 eram moradores das ruas próximas ao cais. Região também com maior concentração de candomblés e agrupamentos carnavalescos, todos relacionados aos movimentos dos trabalhadores do cais. A perseguição mais famosa do final deste século foi a demolição do cortiço Cabeça de Porco, localizado nas proximidades da Central do Brasil. No início do século XX as ruas da Cidade Nova, Gamboa, Saúde, Camerino e outras tantas do Centro possuíam a maior concentração de habitações coletivas (cortiços, estalagens, favelas).



A atual Zona Portuária faz parte da intervenção física e urbanística realizada pelo Prefeito Pereira Passos no início do século XX.

O novo porto, construído pelo Governo Federal entre 1903 e 1910, fazia parte de um plano urbanístico que incluía a criação da Avenida Central (atual Rio Branco) que ligava a Zona Sul ao Centro pela Avenida Beira Mar, a Avenida Francisco Bicalho e o canal do Mangue, a integração de Copacabana ao espaço urbano pela abertura de túneis, a Avenida Mem de Sá com o término do desmonte do morro do Senado, além de obras menores e complementares como o alargamento para 17 m das ruas Frei Caneca, Assembléia, Uruguaiana, Carioca, e Visconde de Rio Branco; e para 24 m, as ruas S. Joaquim e Visconde de Inhaúma. Estas intervenções foram complementadas pela construção de duas largas avenidas interligadas: a Rodrigues Alves, ao longo do cais, e a Francisco Bicalho, às margens do canal do Mangue.

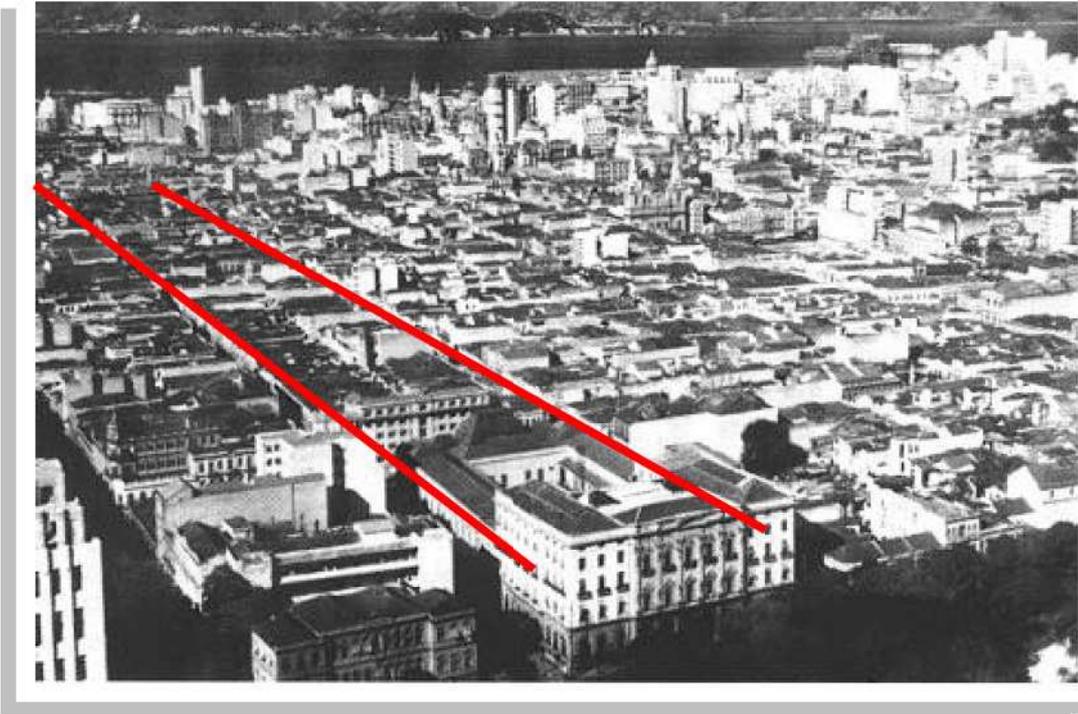


**A Cidade do Rio de Janeiro e os Melhoramentos da Reforma Passos.** Autor: anônimo. Fonte: FERREIRA DA ROSA, Francisco. Rio de Janeiro. Edição Oficial da Prefeitura, 1905. Impressão a cores sobre papel, 45 X 69 cm. *Apud*: CZAJKOWSKI, Jorge. (org.) "Do Cosmógrafo ao Satélite – Mapas da Cidade do Rio de Janeiro". Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro. julho 2000. p.68.

A Avenida Francisco Bicalho (Avenida do Mangue), construída em 1907, terminou por aterrar totalmente os restos do mangal de São Diogo, sendo que parte desta já havia sido saneada pelo Barão de Mauá. Em 1911 encontra-se já instalado o gasômetro da Mead-Morrison Manufacturin Company, na entrada do Canal do Mangue, em São Cristóvão.

Na gestão de Carlos Sampaio (1920-1922) um novo surto de obras públicas tem início, destacando-se o arrasamento do Morro do Castelo, que será concluído por Dodsworth (1937-1945).

A grande realização de Dodsworth foi a construção da Avenida Presidente Vargas, quando afetou uma região densamente povoada, com ruas estreitas, igrejas, praças, edifícios e inúmeras residências coletivas que ficaram livres das intervenções do início do século.



Dentre o patrimônio que desapareceu estavam as igrejas de São Pedro dos Clérigos, São Domingos, Bom Jesus do Calvário e N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Conceição; o Largo do Capim; o prédio da Prefeitura; uma parte da Praça da República/Campo de Santana e quase toda a Praça Onze de Junho.



Localização das edificações destruídas no trecho entre a igreja da Candelária e o Campo de Santana

## **5. PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO: A AÇÃO DOS ÓRGÃOS FEDERAIS, ESTADUAIS E MUNICIPAIS**

Como já foi mencionado o centro da cidade do Rio de Janeiro ainda apresenta um significativo patrimônio histórico e arqueológico que retrata todo o processo de desenvolvimento da cidade.

A proteção ao patrimônio histórico, cultural e arqueológico brasileiro é de competência da União, dos Estados e município, bem como de todo cidadão. Aqui adotamos patrimônio histórico e arqueológico tendo por base que qualquer edificação histórica também é um sítio arqueológico, já que como bem não se limita apenas as suas características arquitetônicas, mas a diversos elementos materiais integrantes da mesma, visíveis e no subsolo, que são objetos de estudo da Arqueologia.

A nível federal o reconhecimento da importância do patrimônio da cidade do Rio de Janeiro se confunde com a própria fundação do próprio IPHAN, quando se inicia o cadastramento dos bens patrimoniais.

De acordo com o site do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural - INEPAC, este se dedica à preservação do patrimônio cultural do Estado do Rio de Janeiro há 40 anos, "elaborando estudos, fiscalizando e vistoriando obras, emitindo pareceres técnicos, pesquisando, catalogando e efetuando tombamentos". Assim como a preocupação com o patrimônio da cidade do Rio de Janeiro também está referendada com uma série de leis e decretos municipais.

O patrimônio de uma cidade está conformado por zonas arqueológicas ou de interesse arqueológico e por bens registrados de relevância patrimonial. Dentro desta preocupação em olhar o patrimônio não somente pelas edificações e monumentos históricos notáveis, mas também os conjuntos urbanos representativos em termos sociais, simbólicos, culturais, étnicos, etc. Assim, desde 1992 vem sendo instituídas as Áreas de Proteção do Ambiente Cultural (APAC).

Assim, apresentaremos alguns dos bens e conjuntos urbanos tombados e/ou cadastrados nos órgãos responsáveis pelo patrimônio arqueológico, histórico e cultural, na área em estudo diretamente afetada e de influencia direta.

#### **A. Bens registrados e tombados pelo IPHAN**

- ✓ Casa na Ladeira do Morro do Valongo, 21, Saúde - Livro de Belas Artes: Inscrição 176 em 15-7-1938 e Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico: Inscrição 004 em 15-7-1938 / Nº Processo: 0010-T-38
- ✓ Fortaleza da Conceição - Rua Marechal Valô, Morro da Conceição - Livro Histórico: Inscrição 038 e Livro de Belas Artes Inscrição 099 em 24-5-1938 / Nº Processo: 0155-T-38
- ✓ Companhia Docas de Santos - Avenida Rio Branco, 46 - Livro Histórico: Inscrição 462 e Livro de Belas Artes Inscrição 528 em 28-7-1978/ Nº Processo: 0976-T-78
- ✓ Jardim e Morro do Valongo: conjunto arquitetônico e paisagístico - Rua Camerino, Centro - Livro Histórico: Inscrição 462 e Livro de Belas Artes Inscrição 157 em 30-6-1938/ Nº Processo: 0155-T-38
- ✓ Casa da Rua da Quitanda, 61 - 1872 - Livro Histórico: Inscrição 436 em 29-6-1972/ Nº Processo: 0854-T-72
- ✓ Casa da Rua Mayrink Veiga, 9 - 1840 - Livro Histórico: Inscrição 437 em 29-6-1972/ Nº Processo: 0853-T-72

- ✓ Casa da Moeda: Prédio na Praça da República, 173 - Livro Histórico: Inscrição 035 e Livro de Belas Artes Inscrição 074 em 24-5-1938/ Nº Processo: 0156-T-38
- ✓ Casa do Marechal Deodoro da Fonseca - Praça da República, 197 Livro Histórico: Inscrição 323 em 4-6-1958/ Nº Processo: 0572-T-58
- ✓ Igreja da Mãe dos Homens - Rua da Alfândega, 58, Centro Livro Histórico: Inscrição 082e Livro de Belas Artes Inscrição 172 em 15-7-1938/ Nº Processo: 0020-T-38
- ✓ Colégio Pedro II - Prédio à Avenida Marechal Floriano, 68-80 Livro Histórico: Inscrição 489 e Livro de Belas Artes Inscrição 550 em 19-5-1983/ Nº Processo: 1031-T-80
- ✓ Igreja da Candelária - Praça Pio X, Centro Livro Histórico: Inscrição 012 e Livro de Belas Artes Inscrição 026 em 14-4-1938/ Nº Processo: 0051-T-38
- ✓ Igreja de Santa Rita - Largo de Santa Rita, Centro Livro Histórico: Inscrição 079 e Livro de Belas Artes Inscrição 165 em 15-7-1938/ Nº Processo: 0016-T-38
- ✓ Igreja de São Francisco da Prainha - Adro da Prainha, Morro da Conceição Livro Histórico: Inscrição 162 e Livro de Belas Artes Inscrição 074 em 8-7-1938/ Nº Processo: 0022-T-38
- ✓ Mosteiro e Igreja de São Bento - Rua Dom Gerardo, 68, Centro Livro Histórico: Inscrição 178 e Livro de Belas Artes Inscrição 085 em 15-7-1938/ Nº Processo: 0009-T-38
- ✓ Palácio Episcopal - Rua Marechal Valô, Morro da Conceição Livro Histórico: Inscrição 060 e Livro de Belas Artes Inscrição 104 em 24-5-1938/ Nº Processo: 0155-T-38
- ✓ Palácio Itamarati - Avenida Marechal Floriano, 196, Centro Livro Histórico: Inscrição 008 e Livro de Belas Artes Inscrição 022 em 20-7-1938/ Nº Processo: 0158-T-38
- ✓ Alfândega - Rua Visconde de Itaboraí, 78, Centro Livro Histórico: Inscrição 036 e Livro de Belas Artes Inscrição 075 em 24-5-1938/ Nº Processo: 0101-T-38
- ✓ Prédio à Avenida Marechal Floriano, 168, bloco I - Livro Histórico: Inscrição 525 e Livro de Belas Artes Inscrição 595 em 13-6-1988/ Nº Processo: 1146-T-85
- ✓ Hospital São Francisco de Assis - Avenida Presidente Vargas, 2863, Cidade Nova Livro Histórico: Inscrição 490 e Livro de Belas Artes Inscrição 554 em 23-6-1983/ Nº Processo: 0978-T-78

- ✓ Caixa de Amortização - Avenida Rio Branco, 30 Livro de Belas Artes Inscrição 506 em 24-5-1973 Nº Processo: 0860-T-72
- ✓ Sítio Arqueológico Cais do Valongo/ Cais da Imperatriz - Avenida Barão de Tefé - com cerca de 350 metros de comprimento - em fase de pesquisa.

**B. Bens registrados e tombados pelo INEPAC**

- ✓ Cemitério dos Ingleses (British Burial Ground) - Rua da Gamboa, nº 181, Gamboa - inaugurado em 1809 - Nº do Processo E-18/300.627/84, Tombamento Provisório 11.01.1985, Tombamento Definitivo 17.05.1988
- ✓ Prédio da Alfândega - Avenida Rodrigues Alves, nº 81 - inaugurado em 1944 - Nº do Processo E-18/001.539/98 Tombamento Provisório 09.12.1998
- ✓ Prédio da Superintendência Regional da Polícia Federal (antiga Imprensa Nacional) - Av. Rodrigues Alves nº 1, inaugurado em 1940 - Nº do Processo E-18/001.539/98 Tombamento Provisório 09.12.1998
- ✓ Antiga estação e cocheira da Linha de Carris e Vila Guarany - Rua Pedro Alves, nº 210, Santo Cristo - Construída em 1883 - Nº do Processo E-03/300.485/65, Dec."E"1270 Tombamento Definitivo 12.10.1966 Antiga GB
- ✓ Reservatório do Livramento - Ladeira do Barroso, nº 202, Gamboa - construído em 1882 - Nº do Processo E-18/001.542/98. Tombamento Provisório 09.12.1998
- ✓ Reservatório do Morro do Pinto - Rua Monte Alverne, nº 40, Gamboa - Construído em 1840 - Nº do Processo E-18/001.542/98 Tombamento Provisório 09.12.1998
- ✓ Pedra do Sal - Rua Argemiro Bulcão, Saúde - testemunho cultural mais que secular da africanidade brasileira - Nº do Processo E-18/300.048/84 Tombamento Provisório 23.11.1984; Tombamento Definitivo 11.05.1987
- ✓ Serviço de Documentação Geral da Marinha - Rua Dom Manuel, nº 15 - inaugurado em 1900 - Nº do Processo E-03/006.075/80 Tombamento Provisório 20.06.1980; Tombamento Definitivo 07.12.1982
- ✓ Quartel Central do Corpo de Bombeiros - Praça da República, nº 45 - desde 1856 - Nº do Processo E-03/038.232/78 Tombamento Provisório 18.12.1978; Tombamento Definitivo 13.02.1979
- ✓ Campo de Santana - Em 1815, por ordem de d. João, deu-se início à implantação de um jardim no campo. Cenário das cerimônias de coroação de d. João VI em 1818, de d. Pedro I em 1822 e, em 1841 de d. Pedro II - Praça da República - Nº do Processo E-03/300.166/66, Dec."E"2072 Tombamento Definitivo 26.04.1968 Antiga GB

- ✓ Edifício Almirante Tamandaré (Antigo Ministério da Marinha) - Praça Barão de Ladário, s/nº - inaugurado em 1935 - Nº do Processo E-18/001.539/98 Tombamento Provisório 09.12.1998
- ✓ Palácio Duque de Caxias (Antigo Ministério da Guerra) - Praça Duque de Caxias - Inaugurado em 1941 - Nº do Processo E-18/001.539/98 Tombamento Provisório 09.12.1998
- ✓ Reservatório do morro de São Bento - Rua Dom Gerardo, nº 68 - construído em 1877 - Nº do Processo E-18/001.542/98 Tombamento Provisório 09.12.1998
- ✓ Antiga Fábrica de Gás - Avenida Presidente Vargas, nº 2.610 - construída em 1853 - Nº do Processo E-03/005.115/79 Tombamento Provisório 16.03.1983 Tombamento Definitivo 06.09.1990
- ✓ Estação Ferroviária Leopoldina - Conhecida como Estação Barão de Mauá - Avenida Francisco Bicalho, s/nº - inaugurada em 1926 - Nº do Processo E-18/000.277/87 Tombamento Provisório 08.12.1987; Tombamento Definitivo 18.02.1991
- ✓ Pórtico do antigo Matadouro Público - Praça da Bandeira, nº 44 - construído a partir de 1845 - Nº do Processo E-18/001.050/99 Tombamento Provisório 14.08.2201
- ✓

**C. Subsecretaria de Patrimônio Cultural, Intervenção Urbana, Arquitetura e Design – Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro**

- ✓ APAC - Áreas de Proteção do Ambiente Cultural – “os elementos de composição são inventariados, cadastrados e classificados como tombados, preservados ou tutelados. Os bens de valor excepcional são tombados; os que são caracterizadores do conjunto são preservados; e os demais são tutelados”.
  - Corredor Cultural (Centro) - 1984
  - Saúde, Gamboa e Santo Cristo (SAGAS) - 1988
  - Cidade Nova e Catumbi - 1991
  - Teófilo Otoni (Centro) - área incorporada à APAC do Mosteiro de São Bento - 1997
  - Entorno do Mosteiro de São Bento (Centro) - 2004

## **6. AVALIAÇÃO DO POTENCIAL ARQUEOLÓGICO DOS SETORES: ASPECTOS DESCRITIVOS**

Para a avaliação dos setores com maior ou menor potencial arqueológico as atividades foram realizadas em duas etapas: levantamento documental e bibliográfico e levantamento preliminar de campo.

### **SETOR A**

**Ruas** Sacadura Cabral, Livramento (parte), Pedro Ernesto (parte), Silvino Montenegro (parte), Antonio Lage, Souza e Silva, Aníbal Falcão, Argemiro Bulcão, Edgar Gordilho.

**Avenidas** Barão de Tefé, Venezuela, Rodrigues Alves.

**Vias** A1 e A2. (*Entre a Rua Sílvio Montenegro a o Túnel do Binário/Entre a Rua Antônio Lage e Rua Souza e Silva*)

**Praças** Jornal do Comércio e Coronel Assunção.

É uma das regiões com alto potencial arqueológico, pois compreende o antigo litoral antes da construção do aterro do cais do porto (1904-1911). Era coberta de trapiches antes da construção do cais do porto. Nomear-se-ão apenas os maiores.

**TRAPICHE VALONGO.** Localizado na esquina da Rua do Livramento (antiga Rua Nova do Livramento) com Sacadura Cabral (antiga Rua da Praia do Valongo).

Descrição: Construído na década de 1830 por proprietário privado. Ponte de madeira de grandes dimensões. Possivelmente a base no antigo litoral era feito de pedra.

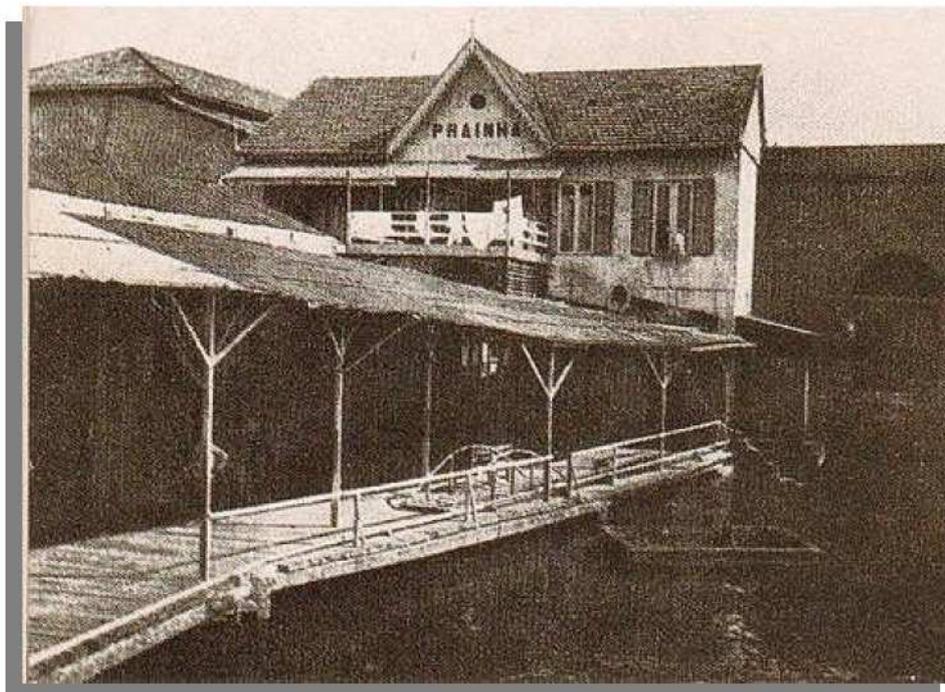
**TRAPICHE DAMIÃO.** Localizado no lado norte do Trapiche Valongo, também na esquina com Rua do Livramento.

Descrição: De menor extensão que o Valongo, mas com uma parte de pedra bem extensa entre as duas pontes de madeira de cada trapiche.

**TRAPICHE DE ANTONIO LEITE.** Localizado na esquina de Rua Silvino Montenegro (antiga Rua Conselheiro Zacarias) com Rua Antonio Lage (construída em aterro do cais do porto).

Descrição: Trapiche dos mais antigos da região, datando provavelmente do final do século XVIII (consta em mapa de 1808). Em 1900 tinha duas pontes de madeira e pode ter pedra em sua base de aterro, abaixo do Morro da Saúde e da igreja da Saúde.

**TRAPICHE DA PRAINHA.** Localizado na Rua Coelho Castro, esquina com Argemiro Bulcão.



Cais da Prainha – Foto de Marc Ferrez

Descrição: O primeiro trapiche construído na região depois do início do arrasamento da Pedra da Prainha em 1818 (que fechava todo transito entre a Prainha (Praça Mauá) e a Praça Barão de Tefé (Valongo). Feito em pedra, com argolas e escadaria (ele foi descoberto, mas existe informação que voltará a ser coberto).

TRAPICHE DA PEDRA DO SAL. Localizado no final da Rua Argemiro Bulcão (antigo Beco e depois Rua da Pedra do Sal).

Descrição: Construído em 1840 em aterro construído depois do arrasamento da Pedra da Prainha (finalizado em 1820). Tem base de pedra de "amiação" e calçamento de passeio. Todo lado direito da Rua Sacadura Cabral foi aterro, e a paralela com Coelho Castro, tendo sido utilizada a pedra quebrada oriunda da destruição da Pedra da Prainha. Chamado Trapiche Silvino em 1904. Foi comprado pela Companhia União dos Trapiches no final do século XIX.

MERCADO DA HARMONIA. Localizado na Praça Coronel Assunção.

Descrição: Aterro do final do século XIX (anos 1870) para construção de mercado de grandes dimensões semelhante ao mercado da Glória, do mesmo período. Formato quadrangular, com grande praça interna e corredores de lojas nas laterais (também assemelhando ao mercado da Praia do Peixe, obra de Grandjean de Montigny).



Antiga Praça da Harmonia

TRAPICHE DAS ESCADINHAS. Localizado na Esquina de Sacadura Cabral com travessa das Escadinhas do Livramento (antigo Beco das Escadinhas).

Descrição: Construído na 2ª metade do século XIX. Grande ponte estreita de pedra, com escadas no final, cercada de construções de madeira.

TRAPICHE IPIRANGA. Localizado abaixo da extensão do Hospital dos Servidores, na direção da Avenida Venezuela, a qual foi construída na década de 1970, bem ao lado do antigo cais do Valongo.

Descrição: Prédio neoclássico de grandes dimensões em piso de pedra com ponte de madeira coberta. Pertencia a Companhia de Melhoramentos do Rio de Janeiro na época da construção do cais. O prédio principal foi demolido na década de 1930 para a construção do Hospital dos Servidores.

CAIS DE PEDRA DO MOINHO FLUMINENSE. O Moinho Fluminense foi por décadas o grande prédio da Rua Pedro Ernesto, antiga Rua da Harmonia, erguido em 1887. Ele estava localizado abaixo do passadiço que liga com a extensão do Moinho construído após o aterro do cais, na via A2.

Descrição: Compõem-se de uma ponte de pedra em formato trapezoidal, que recebia os grãos para fabrico de alimentos no Moinho.

TRAPICHE DO SAL. Primeira construção da zona portuária, ele foi construído para receber com exclusividade o sal que era monopólio régio no final do século XVII. Também chamado Trapiche de São Francisco da Prainha porque fica abaixo

da igreja do mesmo nome. Ele se localiza na Rua Sacadura Cabral, abaixo do muro onde fica a igreja de São Francisco da Prainha.

Descrição: Trata-se de um trapiche grande, cuja dimensão atravessa hoje a Rua Sacadura Cabral e termina abaixo do estacionamento de escola Municipal (sede de CRE) na Avenida Venezuela.

TRAPICHE DO CONSULADO. Construído no século XVIII depois do Trapiche do Sal, onde funcionava a repartição controladora de importações e exportações, denominada Mesa do Consulado. Ele estava localizado ao lado do antigo Beco do Inferno, depois chamado Beco do Consulado, desaparecido na reforma de 1904-1911. Hoje podemos localizá-lo imediatamente depois do muro da igreja da Prainha, ao lado do antigo Trapiche do Sal.

Descrição: Era um trapiche de grandes dimensões, um pouco menor que o trapiche da Ordem 3ª de São Francisco da Penitência, ou da Prainha.

TRAPICHE DO CLETO. Construído em 1872, era fronteiro ao Trapiche do Sal. Ficava contíguo ao antigo Beco das Canoas, também chamado Beco do Cleto desde 1874. Desaparecido com a reforma de 1911, ele se localizava a oeste do trapiche do sal, entre a Rua Edgar Gordilho e Argemiro Bulcão.

Descrição: Ele era formado de um depósito coberto e uma ponte de madeira.

RUA DA MORTONA. Ele estava localizado no final da Rua da Motorna.

Descrição: Mortona é um Aparelho constituído por correntes e um carro especial, que corre sobre longarinas em plano inclinado até o mar, onde prende a embarcação que precisa de conserto, conduzindo-a para pôr a seco. Era usado com pequenas embarcações, deixando para o Dique os grandes navios. Desativado em 1911.

## **SETOR B**

**Ruas** Conselheiro Zacarias, Gamboa, da Mortona, Rivadávia Correia, Pedro Ernesto (desde a Rua da Gamboa) Comendador Leonardo, União, Equador, Santo Cristo, Comendador Rocha

**Avenidas** Rodrigues Alves (entre Silvino Montenegro e Profº. Pereira Reis) Cidade de Lima, Pereira Reis.

**Vias** B1 e B2. (*Entre a Rua Santo Cristo e Rua Silvino Montenegro/Entre a Av. Rodrigues Alves e Via B1*)

**Praça** Santo Cristo

DIQUE DA SAÚDE: Construído em 1880, ele foi usado para reparos em navios de grande calado. Propriedade do Lloyd Brasileiro, ele foi aterrado com a obra do cais. A sua localização era entre a Rua Silvino Montenegro e a via B1 (a leste de onde será construído o túnel sob o morro da Saúde). Abaixo do armazém

frigorífico que está sendo demolido e será local do Aquário Gigante projetado pela prefeitura. A pedra que ficava por trás do Dique foi quebrada para passagem da Avenida Rodrigues Alves.

Descrição: Era uma grande perfuração na pedra ao nível do chão com o formato de U com cerca de 100m de comprimento. Ele era uma das maiores obras da região e seria aproveitado em projeto inicial do cais até que foi descartado pela compra de diques flutuantes do exterior.

#### CAIS DO CEMITÉRIO DOS INGLESES.

Descrição: Imediatamente abaixo do Cemitério dos Ingleses havia um cais com ponte de pedra que recebia os corpos e equipamentos funerários. Ele ficava localizado em frente ao portão do Cemitério onde hoje é a Rua da Gamboa.

TRAPICHE GAMBOA. Ele se localiza entre a Via B1 e a B4, na Rua da Gamboa. Pertencia a Companhia União dos Trapiches (a mesma que possuía o Trapiche da Pedra do Sal).

Descrição: Ele possuía duas pontes de madeira e grande área aterrada.

TRAPICHE FARO. Ele estava localizado na Rua da Gamboa, entre a via B1 e a Rua da União, ponta nordeste da península da Gamboa (noroeste da Cidade do Samba). No início do século pertencia a Cia. Irmãos Lage, antigo nº 76 da Rua da Gamboa.

Descrição: Grande aterro de forma trapezoidal. Hoje abaixo da superfície da Cidade do Samba, portão noroeste.

TRAPICHE NORD AMÉRICA. Localizado na Rua da Gamboa, esquina com Via B1, entre Rua do Santo Cristo e Via B4. Entre os antigos números 78 até 82.

Descrição: Terreno quadrangular com uma ponte de madeira.

TRAPICHE FLORA. Pertencia ao Lloyd Brasileiro. Vizinho ao trapiche Nord América. Ele se localizava entre os números antigos 84 e 92 da Rua da Gamboa. Hoje entre a Rua da Gamboa e a Via B6.

Descrição: Formato quadrangular com ponte de madeira

TRAPICHE DA CITY IMPROVEMENTS. Companhia responsável por importantes projetos urbanísticos do Rio, como a ponte de despejos sob trilhos da Glória. Ele está localizado na Rua de Santo Cristo, entre a Avenida Cidade de Lima e a Rua Equador. Antigo nº 2 da Rua de Santo Cristo dos Milagres.

Descrição: Formato retangular com duas pontes de madeira.

TRAPICHE DO VAPOR. Localizado na Via B1, entre a Rua Equador e Via B5.

Descrição: Grande trapiche que recebia embarcações a vapor que circulavam pela baía da Guanabara. Construído nos anos 1850, na antiga Praia do Lazareto.

TRAPICHES. Há vários trapiches ao lado da igreja do Santo Cristo, localizada na Rua da União, entre a Praça do Santo Cristo e a Rua Santo Cristo.

### **SETOR C**

A antiga Rua do Santo Cristo dos Milagres, antes praia do Saco do Alferes, começou ser povoada de trapiches a partir de 1850 com a construção da igreja de Santo Cristo.

**Ruas** Equador, Mendonça, Cordeiro da Graça, Comandante Garcia Pires.

**Avenida** Rodrigues Alves.

**Vias** C1 e C2. (*Entre a Av. Rodrigues Alves e a Rua Gal. Luiz Mendes de Moraes/Entre a Av. Rodrigues Alves e a Av. Cidade de Lima*)

**Praças** Santo Cristo e Marechal Hermes

POSTO DE GASOLINA SANTO CRISTO. No referido posto de gasolina (nº 189), após a praça e junto à curva para direita, foram encontrados durante a escavação do *Projeto de Monitoramento Arqueológico em Obra de Remediação de solo Posto Santo Cristo* vestígios de louça, metal, material construtivo, ossos de animais e vidro.

Descrição: Tais culturais materiais certamente se referem a um grande cais de pedra, que já aparece em mapa de 1864.

TRAPICHE DA COMPANHIA DE ÁCIDO. Localizado na esquina da Rua de Santo Cristo com Rua Sara. Ali, na virada do século, estava o trapiche da Companhia de Ácido. Na época era um lugar remoto por isso foi escolhido para evitar acidentes em grandes conglomerados.

Descrição: Trapiche grande quadrangular sem ponte aparentemente para guardar materiais

ILHA DOS MELÕES OU JOÃO DAMASCENO. Onde hoje é a atual Rodoviária Novo Rio. Ela foi erguida acima do que era a ilha dos Melões ou João Damasceno, a maior da embocadura do Mangal de São Diogo que descia até onde hoje é o Edifício balança Mas Não Cai. Na época do cais recém construído foi local do quartel do Corpo de Bombeiro.

Descrição: Era uma ilha com um morro no centro, que foi arrasado antes do aterro, e as pedras foram usadas no aterro.

### **SETOR D**

**Ruas** Pedro Alves e General Luis Mendes de Moraes.

**Avenida** Francisco Bicalho

**Via** D1. (*Entre a Rua Santo Cristo e a Av. Francisco Bicalho*)

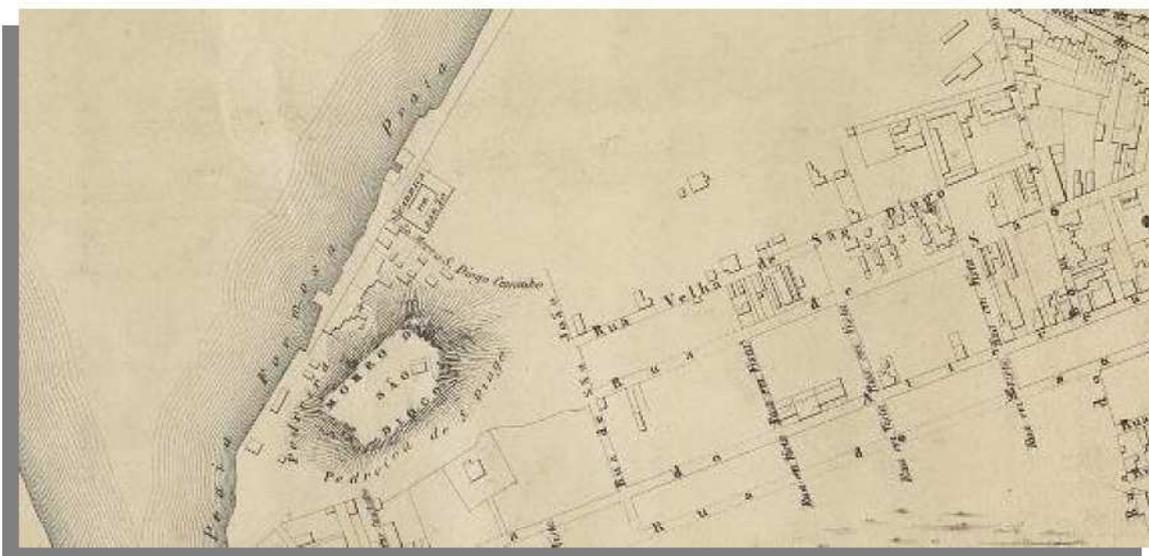
**Praça** Marechal Aguiar

A região correspondia antes do cais do porto à Praia Formosa, que foi aterrada no final do século XIX para formar a Vila Guarany, jamais concluída, e depois ocupada pela Avenida Francisco Bicalho. Região de ocupação recente com

poucas áreas de potencial arqueológico, a não ser o litoral da praia, ocupado por trapiches e cais no final do século XIX

**TRAPICHE DA FÁBRICA DE SABÃO.** A fábrica de Sabão foi estabelecida na 1ª metade do século XIX e tinha um cais próprio localizado em frente à Praça Marechal Aguiar, antigamente esquina da Praia Formosa com rua do morro de São Diogo.

Descrição: Trapiche em forma de T com grande dimensão.



**Detalhe da** *Planta da muito leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.* 1852  
BN cart309952

### **SETOR E**

**Ruas** Nabuco de Freitas, Moreira Pinto, da América, Senador Pompeu, Pereira Franco, Bento Ribeiro.

**Avenida** Presidente Vargas (lado direito), entre a Central do Brasil e o início da Avenida Francisco Bicalho.

**Via** E1. (*Entre Rua da América e a Av. Francisco Bicalho*)

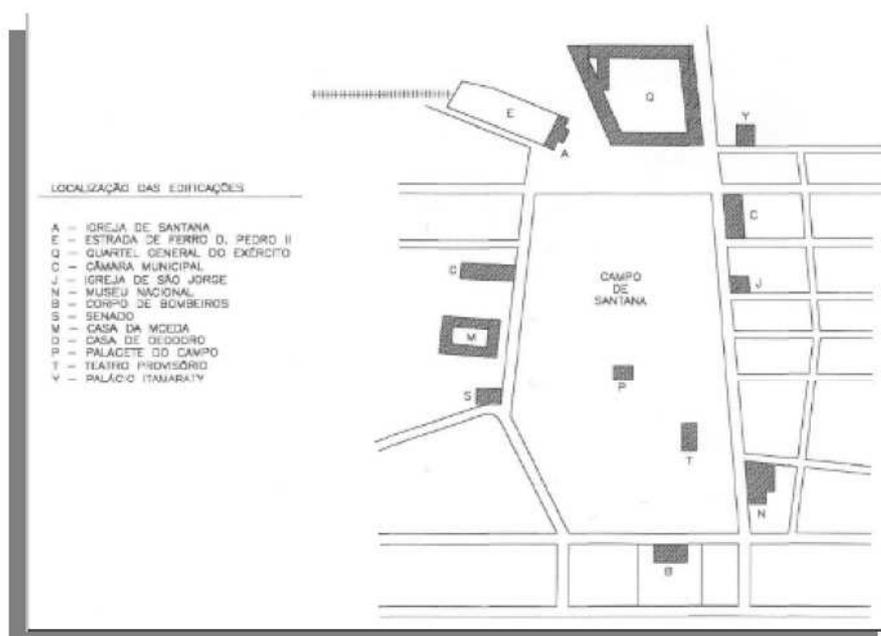
**Viadutos** São Pedro e São Paulo

Região muito importante para a História da cidade a partir de 1810 com o Caminho do Aterrado. Em 1861 a Fábrica de Gás de Mauá abre nova etapa na região, completada com a construção da primeira versão do canal do Mangue, em 1875. Entre 1942 e 1944 foi arrasada pela abertura da Avenida Presidente Vargas.

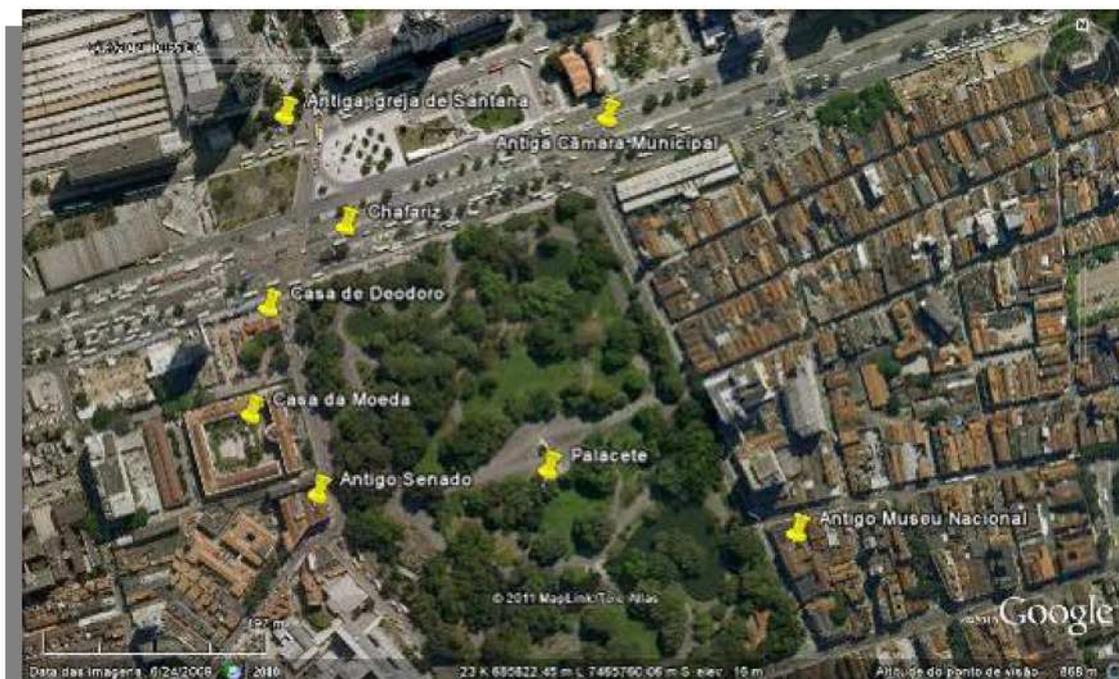
### **CAMPO DE SANTANA**

O atual Campo de Santana foi durante séculos o limite mais extremo à oeste da cidade. No seu centro havia originalmente a lagoa da Sentinela, que tinha este nome como sentinela de alarme para ataques de índios ou europeus inimigos contra a cidade. Era também chamada de Lagoa de Capoeçu, palavra indígena que indicava o grande descampado (capoeira) em torno da Lagoa. Com a chegada

de D. João a região começou a ser urbanizada, inicialmente com o Caminho do Aterrado, que ligava do Paço Real (atual Paço Imperial) até o Palácio de São Cristovão, presente do magnata Elias Antonio Lopes ao monarca. No fim da época joanina o Campo de Santana – que tinha este nome derivado da santa de invocação, cuja igreja originalmente ficava onde hoje é prédio da Central do Brasil – recebeu um chafariz de grande dimensão, para abastecer a população da região, que crescia rapidamente. No século XVIII foi criada a freguesia de Santana, sucessora da freguesia da Sé, que ocupava toda extensão desde o Campo até São Cristovão. Nos meados do século XIX o casario colonial de ruas estreitas terminava no limite do Campo – um imenso espaço aberto de terra batida, sem árvores – o que determinava o fim da cidade velha, e o início dos subúrbios. Foi chamado de campo da Aclamação, pois ali foi aclamado o Imperador Pedro I, e também campo da Honra, pois era local de duelos de aristocratas. No flanco norte do Campo ficava o tronco de castigo dos escravos. Durante o 1º Reinado o centro do campo era ornado com um grande Palácio, depois de 1821 **ele foi** chamado de Palácio da Aclamação. Na década de 1870 foi arborizado pelo arquiteto Frances Glaziou, que criou um grande jardim em pleno centro da cidade. Neste momento o Campo se estendia até quase o Quartel do Exército, hoje Comando Militar do Leste. No seu lado oeste temos a antiga Casa da Moeda, hoje Arquivo Nacional, e a Casa de Deodoro. Com a abertura da Avenida Presidente boa parte dele foi destruído (cerca de 20 m.), incluindo boa parte dos jardins de Glaziou.



Fonte: Pinto, 2007



**IGREJA DE SANTANA.** Localizada em frente ao conjunto da Central do Brasil (identificada em mapas de 1857), onde hoje passa a Rua Bento Ribeiro, esquina com Presidente Vargas.

Descrição: Igreja de torre única, estilo colonial, datada do final do século XVIII. Ela foi demolida quando da abertura da Avenida Presidente Vargas.



### ANTIGA CÂMARA MUNICIPAL

Localizada na fronteira antiga do Campo de Santana (que se estendia desde seu limite sul atual até a Praça da Central do Brasil e o Quartel-General do Exército) a antiga Câmara se localizava onde hoje é uma linha reta com a Escola Municipal Rivadávia Correia, mas ao lado do jardim do Campo de Santana. Foi erguida em 1875.



GARE DA ESTRADA DE FERRO DOM PEDRO II. O local exato da gare Pedro II, inaugurada em 1858, é o terreno em frente à atual estação Central do Brasil. Hoje é uma área aberta (em diagonal com o prédio da E.F.C.B.).

Descrição: Prédio de dois andares com portadas em arcos (cinco) em estilo neoclássico. Demolido quando da abertura da Avenida Presidente Vargas.

FÁBRICA DE GÁS. Situada no lado direito da Avenida Presidente Vargas, entre as Ruas Carmo Neto e C. Maurity, nos fundos da loja de CEG.

Descrição: A fábrica inaugurada em 1861 era muito maior que o atual prédio do museu da CEG, pois se compunha de três tambores muito grandes, no terreno de fundo, e vários equipamentos para manuseio e segurança. Certamente ainda existem equipamentos enterrados em seu solo. O prédio atual é apenas a parte central do complexo.

CIRCO DE TOUROS. Localizado no canto da antiga Rua São Leopoldo (hoje Júlio do Carmo) com Rua das Flores (hoje Rua Santana).

Descrição: Em formato circular, recebia os eventos como circo de cavalinhos e espetáculos circenses. Ele era localizado no antigo Campo de Marte. A Praça de Touros pertencia à empresa Tauromania Brasileira. Desaparecido em 1944, quando da abertura da Avenida Presidente Vargas.

**PRAÇA 11 DE JUNHO.** Situada na Avenida Presidente Vargas, imediatamente antes do canal do Mangue do Império, onde hoje é a Praça Zumbi dos Palmares. **Descrição:** Das praças mais lindas da história da cidade do Rio de Janeiro. Destruída em 1943, quando da abertura da Avenida Presidente Vargas.

A lendária Praça 11, berço das escolas de samba do Rio de Janeiro, teve um início modesto. Nos tempos coloniais do século XVIII era chamada de Rossio pequeno, para rivalizar com o Rossio Grande, atual Praça Tiradentes. Era próximo a Bica dos Marinheiros, final do antigo braço de mar depois chamado mangue. Em 1865 passou a ser chamada Praça 11 de Junho, em homenagem a batalha do Riachuelo. Na República se tornou o foco do carnaval popular – o carnaval da elite, dos corsos, deslizava pela Avenida Rio Branco. Ali desfilaram as primeiras escolas de Samba. Era ponto fulcral da chamada Pequena África, que começava na zona portuária, no Valongo. Foi destruída sob grande comoção popular em 1943. No mapa 3.8.3 vemos a praça em 1875, uma área ainda distante do centro urbano. No mapa 3.8.1 vemos no início do século XX, quando a Praça 11 já era centro do carnaval de rua. Na imagem a praça em 1930.



**FÁBRICA DE SABÃO.** Localizada entre a Rua Moreira Pinto e a Praça Marechal Aguiar, na direção da Avenida Pedro Alves. No final da antiga Rua Velha de São Diogo.

**Descrição:** Complexo manufatureiro em formato quadrangular, servido por cais exclusivo, datado do final dos anos 1840. Antiga Fábrica de Sabão do Mangue. Era próximo ao antigo morro de São Diogo. Demolido.



Detalhe da *Planta da muito leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*. 1852 - BN cart 309952

### **SETOR F**

**Ruas** Araujo Viana, Piragibe, Cons. Leonardo, João Cardoso, capitão Sena, Sara, Monte Alverne, Monte Alverne, Saldanha Marinho, Barão de Angra, Nabuco de Freitas, Guapy, Carmo Neto, Carlos Gomes, Deolinda, Vidal de Negreiros, Orestes, Capibaribe, Atlia Brito Teixeira, América, Marques de Sapucaí, Pinto

### **Via F1.**

Formado pelos antigos Morros do Pinto e do Nheco. Área de ocupação antiga e de pouca intervenção urbana. Região acidentada e de poucos estabelecimentos fabris ou de grande dimensão. Corresponde a antiga pedreira de São Diogo. Era essencialmente área de habitação e pequeno comércio.

ESTAÇÃO DE BONDE DA VILA GUARANY. A Vila Guarany foi um empreendimento de aterro de uma vasta área do litoral de São Diogo. Iniciado em 1879 jamais foi concluído, mas um ramal de trilho de bonde foi instalado, com estação. Este ramal foi usado até o nascer do cais do porto. Essa estação se localizava na esquina da Rua Moreira Pinto com Avenida Pedro Alves.



Estação de "Bonds da Villa Guarany"

### **SETOR G**

Corresponde, grosso modo, ao terreno da Estação Marítima, que tinha ramal ferroviário ligando com a E.F.C.B. O primeiro túnel desta ligação será reaproveitado em projeto de VLT (Túnel RFFSA-VLT). Localizado na base do Morro da Providência, ligando a Rua Santo Cristo com a Rua da América. O segundo túnel, por baixo do antigo Morro da Formiga, que liga com o ramal principal da Central do Brasil, permanece desativado e pode conter material da época da construção (1879).

### **ESTAÇÃO MARÍTIMA DA GAMBOA.**

Certamente o maior sítio arqueológico do Setor G. Construída em 1879, ela era a primeira Estação Marítima Ferroviária do Brasil. Tinha ramal ferroviário próprio vindo da estação da E.F.C.B. Obra de Pereira Passos. Seus armazéns serão reformados pela prefeitura incluindo um vagão de trem de madeira abandonado e uma locomotiva diesel no galpão norte (dos quatro galpões originais somente dois parcialmente destruídos sobreviveram). O mais impressionante é a ponte de metal de 300 metros, com três trilhos e largura de 15 m. Os trilhos continuam abaixo do aterro. Ela se localiza entre as Ruas da União e Barão da Gamboa.

Descrição: Próxima à Vila Olímpica da Cidade do Samba. O terreno é guardado dia e noite pela guarda municipal.

### **SETOR H**

Corresponde ao antigo Morro da Favela, ocupado principalmente após a destruição do Cortiço Cabeça de Porco, em 1893, que ocupava desde a esquina de Barão de Tefé com Bento Ribeiro até a pedra onde hoje é a abertura do túnel.

### **SETOR I**

Correspondia ao antigo morro do Livramento, excluindo a linha litorânea de trapiches e cais (já mencionada). Área de ocupação antiga, iniciada a partir da antiga Rua da Praia (Sacadura Cabral).

**IGREJA DA MADRE DE DEUS.** Situada no final da ladeira da Madre de Deus. Antiga capela da Madre de Deus, datada de 1733.

Descrição: Igreja com torre em estilo neoclássico e conjunto de um andar. Atualmente encontra-se destruída, onde funciona a Comunidade Aliança de Misericórdia. Da antiga igreja somente é observado o muro de contenção.



Detalhe do antigo muro de contenção do pátio da Igreja da Madre de Deus



Foto da Praça dos Estivadores em primeiro plano e ao fundo a igreja Madre de Deus - 1904

IGREJA E HOSPITAL DO LIVRAMENTO. Localizados ao final da Ladeira do Livramento.

Descrição: Hospital datado de meados do século XIX, enquanto que a capela é de 1670. Hoje se encontra totalmente descaracterizada, pois vem passando por alterações desde meados da década de 1940.



Igreja de N.S. do Livramento



Placa da reforma e construção de anexo

CEMITÉRIO DOS PRETOS NOVOS. Localizado na Rua Pedro Ernesto, entre Sacadura Cabral e Leôncio de Albuquerque.

Descrição: Todo o quarteirão acima citado até a Rua do Propósito era o Cemitério dos Pretos Novos. Estabelecido em 1780 pelo Vice-Rei.

#### **SETOR J**

Área parcialmente cortada pela Avenida Presidente Vargas entre a Rua Camerino e o Comando Militar do Leste (antigo PDC) e de outro lado pela Rua Barão de São Félix. Área cortada de prédios históricos, como o Palácio Itamaraty, sede do governo federal nos primeiros tempos da República.

CHAFARIZ DAS LAVADEIRAS. Localizado na Avenida Presidente Vargas, em uma linha reta com a antiga Rua de Santana, hoje Bento Ribeiro, e com o antigo Quartel do Campo, hoje Palácio Duque de Caxias.

Descrição: Construído por Dom João VI, ele foi demolido quando da reforma do Campo de Santana por Glaziou, na década de 1870.

PAÇO DA CAMARA MUNICIPAL. O Paço da Câmara foi construído na década de 1850 e reformado em 1876. Localizava-se no canto com o antigo Campo de Santana criado e ajardinado por Glaziou nos anos 1870 e que chegava bem perto do quartel antes de 1943. Demolido em 1944, quando da abertura da Avenida Presidente Vargas.

Ele estava localizado em uma linha reta com a Rua Visconde da Gávea e a Escola Rivadávia Correia, hoje interrompida pela Avenida Presidente Vargas.

Descrição: Prédio de três andares em estilo neoclássico com sacadas nos 1º e 2º andares.

IGREJA DE SÃO JOAQUIM. Localizada na esquina da Avenida Marechal Floriano com Rua Camerino, lado esquerdo da referida Avenida, início da antiga Rua Estreita de São Joaquim.

Descrição: Igreja barroca do século XVIII com duas torres. Surgiu em 1766 quando o antigo Colégio dos Órfãos de São Pedro foi transformado no Seminário de São Joaquim. Estava localizado no começo da rua do Valongo ( depois Imperatriz e hojeCamerino). A igreja foi demolida e foi construído no lugar o Colégio Pedro II.



Foto da Igreja de São Joaquim – site do Colégio Pedro II

ANTIGO QUARTEL DO CAMPO. Ele foi estabelecido por Dom João VI e reformado pelo Duque de Caxias e pelo presidente Hermes da Fonseca. A parte frontal do quartel foi demolida para estabelecer o novo quartel general e uma praça em frente ao quartel. Ele está localizado na Praça Duque de Caxias.

PALÁCIO DO ITAMARATY. Construído entre 1851 e 1855 como residência do Conde de Itamaraty, filho do primeiro Barão de Itamaraty, foi obra de José Maria Jacinto Rabelo, discípulo de Montigny. Ele está localizado Avenida Marechal Floriano entre Ruas Costa Ferreira e Alexandre Mackenzie.

CASA DO PRÍNCIPE OBÁ II D'ÁFRICA. Localizada na Rua Barão de São Félix, essa casa foi local de moradia tradicional da população negra pobre da *Pequena África* – as freguesias de Santa Rita e Santana. O Príncipe Obá II ou Candido Fonseca Galvão era uma liderança da população negra da região. Era conhecido do Imperador Pedro II e herói ex-combatente da Guerra do Paraguai. Nestas casas podem ser encontrados vestígios da religiosidade africana ou afro-brasileira, ocultos

pelo esquecimento. A referida casa ficava localizada na Rua Barão de São Félix, nº 26.

CASA DE CULTO RELIGIOSO AFRO-BRASILEIRO. A população negra do Rio não podia realizar seus cultos livremente pela perseguição policial na Monarquia e na República. Assim estas casas permaneceram décadas ocultas do conhecimento, e somente a pesquisa histórica pode revelar os endereços de algumas. Um dos mais famosos "Pais de Santo" da região era João Alabá, crioulo, filho de africanos. Sua casa "de santo" era das mais freqüentadas da região, estando localizada na Rua Barão de São Félix, nº 174.

### **SETOR K**

Corresponde ao Morro da Conceição. Região de ocupação antiga e quase nenhuma alteração urbana. Até o calçamento é de antes de meados do século XIX. A igreja da Conceição foi modernizada, mas mantém o perfil de capela. As Ruas mantêm os nomes de outrora, como Jogo da Bola, Conceição, João Homem (antigo traficante de escravos), Beco do Escorrega, Mato Grosso, etc.

CAPELA EPISCOPAL DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. Dentro da Casa do Bispo, datada do início do século XVIII, há uma capela original da construção – o termo episcopal se refere ao uso exclusivo do bispo pela capela. Ela está localizada na Casa do Bispo, Serviço Geográfico do Exército, Ladeira da Conceição.

FORTALEZA DA CONCEIÇÃO. Nos fundos do Serviço Geográfico do Exército temos a fortaleza da Conceição, iniciada em 1713. Ela está localizada no final da Ladeira da Conceição.

MURALHA DA CIDADE. Em 1730 as autoridades portuguesas decidiram erguer uma muralha para cercar a cidade de invasores. Ela passaria pelo alto do Morro da Conceição e cortaria a atual Rua Uruguaiana. Jamais foi completada. A sua localização situa-se nos fundos da Fortaleza da Conceição.

IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DA PRAINHA. A ermida data de 1690, destruída nos combates com os franceses em 1710. A igreja atual da Ordem 3ª de São Francisco é de 1738. O adro desta igreja tem uso continuado, inclusive como cemitério, por séculos. Ela está localizada na Rua Sacadura Cabral.

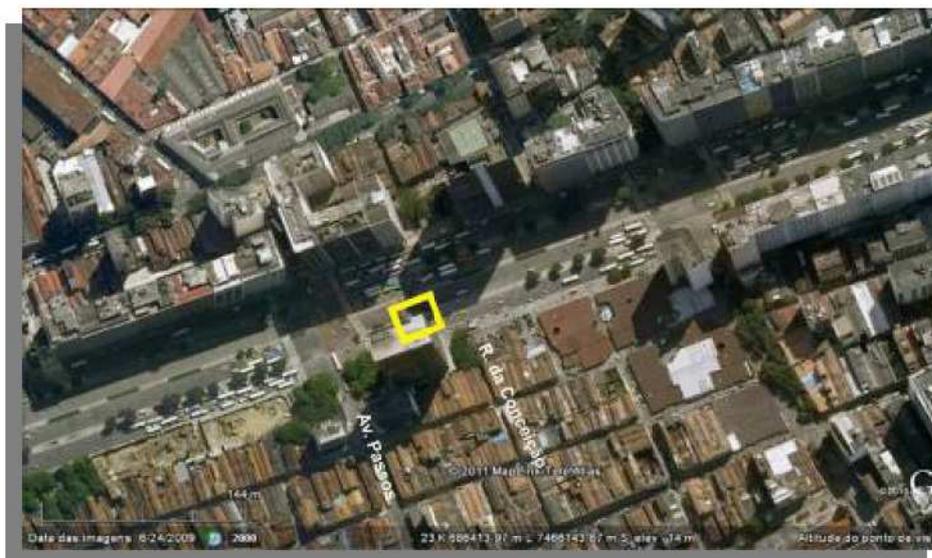


### **SETOR L**

Região das mais antigas da cidade, marcada por sangas e braços de mar secados para permitir ocupação. O *Mapa Arquitetural* de Rocha Fragoso é rico em construções nesta região por volta de 1873. O ponto inicial foi à igreja de Santa Rita, construída em 1720.

CEMITÉRIO DOS PRETOS NOVOS DE SANTA RITA. No pé da secular igreja de Santa Rita existia o mais antigo *cemitério dos Pretos Novos* para enterro de escravos da cidade do Rio de Janeiro. Erguida em 1721 na 1ª metade do século XVIII. Foi desativado com a criação do cemitério do Valongo, hoje na Rua Pedro Ernesto, em 1780. Ele está localizado na lateral da igreja de Santa Rita, área atual de transito de pedestres.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, ANTIGA CAPELA DO CÔNEGO. Erguida em julho de 1758 pelo cônego Xavier na então Rua Senhor Bom Jesus, próximo ao Campo de São Domingos. Ela estava localizada na linha da Rua da Conceição, lado direito da Avenida Presidente Vargas.



Localização

IGREJA DE SÃO PEDRO DOS CLÉRIGOS. Construída na 1ª metade do século XVIII no apogeu da era do ouro, São Pedro dos Clérigos era a única igreja circular da cidade do Rio, que se assemelhava à igreja de Nossa Senhora do Rosário de Ouro Preto. Tinha refinado relicário e talha de madeira de lei. Era apelidada de Pequena Roma pela sua suntuosidade. Foi um dos primeiros bens tombados pelo patrimônio histórico em 1937, pouco após sua criação, e destombado em 1943 através de decreto do Estado Novo por motivo da construção da Avenida Presidente Vargas. Ela está localizada entre as Ruas Uruguaiana e Miguel Couto, no leito direito da Avenida Presidente Vargas.



Foto Augusto Malta - BN



Localização

IGREJA DO BOM JESUS DO CALVÁRIO. Ela teve sua construção iniciada em 1719, mas somente concluída em 1796. Em 1845 a Ordem Terceira do Bom Jesus do Calvário inicia a construção de um hospital, terminado em 1851. Demolida durante a construção da Avenida Presidente Vargas, ela se localiza em linha reta com a Rua Uruguaiana no lado direito da Avenida Presidente Vargas.



Localização

IGREJA DE SÃO DOMINGOS E CAMPO DE SÃO DOMINGIOS. A capela de São Domingos Gusmão foi erguida no ano de 1706, em terrenos da Câmara Municipal. Em 1791 a capela deu lugar a igreja de São Domingos, na esquina das antigas Ruas do Sabão e São Pedro. Era das menores igrejas da cidade, mas freqüentada avidamente pela população mais pobre da região. No início do século XVIII a capela tinha no seu largo o *cemitério dos pardos* ou do *Rossio da Cidade*, desativado em

1820. A descoberta deste cemitério assustou os trabalhadores da construção da Avenida Presidente Vargas. Foi alçada depois à Ordem Terceira. Demolida em 1942, quando da abertura da Avenida Presidente Vargas, estando situada entre as Ruas Uruguaiana e dos Andradas.

Fonte: livro Histórias de Igrejas Destruídas, texto e ilustrações Eduardo Verderame. Editora Hedra, Selo Cachalote, 2010



Localização

### **LARGO DO CAPIM/PRAÇA GENERAL OSÓRIO**

No traçado da Avenida Presidente Vargas, entre a igreja de São Pedro e a de São Domingos, havia o largo do Capim, campo aberto em que as pessoas se abasteciam de feno e forragem para animais nos tempos da colônia. Era primitivamente parte do complexo do Campo de São Domingos, na várzea da cidade. Ali também foi o Campo da Forca a partir de 1753, que inicialmente se localizava na praia de Santa Luzia e depois foi removido para perto do cais de Brás de Pina (cais dos Mineiros). Em 1790 a forca foi novamente mudada para o Campo de São Domingos e ali estabelecida um chafariz. Data deste período o nome Largo do Capim. Em 1797 o Vice Rei Conde de Rezende construiu um novo chafariz, e o largo passou a ser Largo do Chafariz Novo. Em 1869 passou a ser denominada Praça General Osório. Em 1925 foi renomada Praça Lopes Trovão. Destruída em 1943.

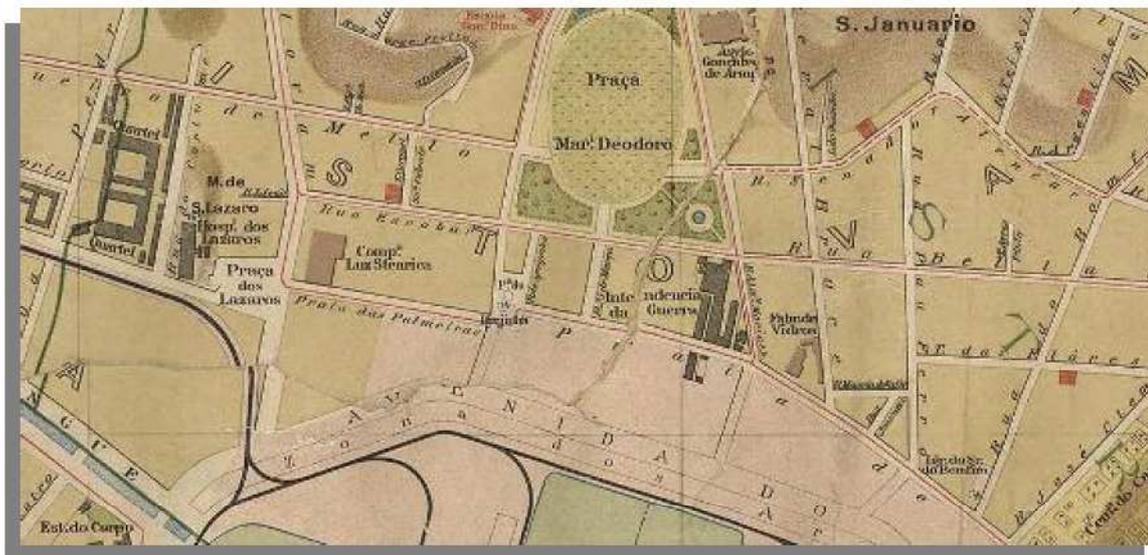


Localização

### **SETOR M**

#### **HOSPITAL DOS LÁZAROS**

Edificação originalmente construída pelos jesuítas entre os anos de 1748 e 1752, com planta quadrangular, formado de pátios internos e uma capela central. O projeto da antiga Capela de São Pedro, hoje de São Lázaro, é atribuído aos jesuítas Inácio da Silva e Francisco do Rêgo de Caminha. Entretanto, o hospital passou por diversas reestruturações e ampliações durante o século XIX até o início do século XX. Seu nome foi modificado em 1941 para Hospital Frei Antonio.



Detalhe do mapa de Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos, de. 1910. BN cart 174229

**MATADOURO IMPERIAL.** Transferido em 1861 da Praia de Santa Luzia, sendo localizado no terreno onde funciona a Escola de Circo da Praça da Bandeira.

**ANTIGO QUARTEL DE SÃO CRISTOVÃO.** Complexo quadrangular com pátio interno. Tinha ancoradouro com píer e está situado entre as ruas M1 e M3.

PREFEITURA MUNICIPAL. Após a obra do porto, a Prefeitura transferiu um de seus prédios para a área em frente à Avenida do Mangue, hoje Francisco Bicalho. O referido prédio está localizado na esquina de Rua Idalina Serra com a Avenida Francisco Bicalho.

SEDE DA COMPANHIA CITY IMPROVEMENTS. Ela foi transferida, após o aterro do cais do porto. A referida Sede estava localizada na esquina da Rua Pedro Ivo com Avenida Francisco Bicalho.

SOCIÉTÉ ANONYME DU GAZ DE RIO DE JANEIRO. Grande terreno da sede da empresa de gás francesa instalada com os aterros. Ela estava localizada entre a Rua Pedro Ivo e a Avenida Brasil.

CAIS DA IGREJINHA. Situado no final da antiga Rua da Igrejinha. De acordo com informações orais o edifício atual foi construído no final do século XIX pois a antiga igreja encontrava-se muito arruinada. A igreja ficava na beira da praia tendo em sua frente um pequeno ancoradouro.

#### **SETOR N**

A enseada da antiga Praia do Caju, onde há diversos ancoradouros aterrados, era coalhada de ancoradouros pequenos, que em geral serviam o transporte dentro da baía. Estes ancoradouros foram aterrados quando da extensão do cais do porto na década de 1920, e os aterros aumentaram com a construção da Avenida Brasil e da Ponte Rio - Niterói. Estes ancoradouros estão abaixo do solo da avenida principal que corta em frente ao cemitério abaixo do Viaduto da Ponte Rio - Niterói.

### **6. PROPOSTA DE PROGRAMA DE PROSPECÇÃO E ACOMPANHAMENTO**

O Diagnóstico Arqueológico pretendeu compreender como se deu a expansão da cidade do Rio de Janeiro, onde foi fundamental a utilização de drenagens, aterros e demolições. Assim, somente com o levantamento das intervenções em diferentes pontos da cidade e suas relações com a área objeto de estudo, tornou-se possível a definição da potencialidade de cada setor em relação a seu patrimônio presente ou perdido. Foi necessário recorrer à documentação histórica e percorrer os locais dessas antigas reformas, a fim de a podermos pontuar o que existiu e o que ainda permanece.

Assim, apresentamos um inventário dos bens tombados ou de interesse histórico (lugares de memória) dentro das áreas das intervenções de Engenharia, bem como os prováveis bens arqueológicos que ainda possam existir e que possam ser resgatados.

Desta forma, podemos destacar os seguintes aspectos:

1. A área urbana que compreende toda uma região que engloba os bairros portuários e a área do Campo de Santana, interligados por aspectos sócio-econômicos, apresenta uma grande riqueza patrimonial ao mesmo tempo em que sofreu grandes intervenções urbanas;
2. Existem vastas áreas acrescidas ao espaço urbano através de aterros, que interligam estas a outras da cidade do Rio de Janeiro, em especial os morros do Senado e do Castelo;
3. As grandes intervenções na cidade produziram toneladas de entulhos que estão no subsolo destas áreas aterradas;
4. O subsolo destas áreas demolidas e/ou aterradas pode conter vestígios que retratam a complexidade social da cidade;
5. Como uma cidade viva, torna-se necessário toda uma adequação das investigações arqueológicas com as etapas de Engenharia e o cotidiano da cidade.

Assim, a metodologia a ser utilizada deverá atender aos seguintes objetivos:

- ✓ Identificar a sucessão de acontecimentos através da observação de estratigrafia;
- ✓ Identificar estruturas arqueológicas referentes à sua origem e às suas características;
- ✓ Delimitar os sítios arqueológicos em subsolo;
- ✓ Elaborar de um banco de dados com os registros realizados nas áreas, descrição e caracterização de todos os elementos relacionando com diversas informações, de forma a resgatar o máximo de inferências sobre os contextos e vestígios a eles ligados.

## **7. METODOLOGIA**

Para atingir os objetivos propostos para as intervenções arqueológicas deverão ser conjugados métodos não invasivos com intervenções diretas.

A região em estudo foi definida através de subdivisão em setores, por parte do empreendedor, que de acordo com o diagnóstico arqueológico serão aplicadas metodologias distintas, de acordo com o maior ou menor potencial arqueológico.

A utilização das plantas da cidade de 1866, com as devidas adequações para 1905, em conjunto com as informações documentais permitem a identificação das ocupações em diferentes logradouros da cidade. Assim, deverá ter continuidade as pesquisas de documentação escrita, cartográfica e iconográfica, bem como de memória oral, de forma a complementar a pesquisa arqueológica, fornecer subsídios para interpretação dos registros materiais.

Como metodologia não invasiva a serem utilizadas em áreas específicas as pesquisas arqueológicas utilizará da aplicação de métodos geofísicos, que são técnicas de investigação indireta de subsuperfície, fornecendo subsídios os estudos arqueológicos, de forma não destrutiva. Por meio deles é possível a determinação da profundidade da zona saturada, determinação de caminhos preferenciais do fluxo subterrâneo, detecção de resíduos enterrados, objetos arqueológicos, etc. O levantamento GPR deverá ser realizado com o equipamento Ramac/Mala Geoscience com a antena de frequência central de 900MHZ.

De acordo com algumas características já levantadas e de forma a garantir a preservação de vestígios arqueológicos, deverão ocorrer intervenções arqueológicas realizadas com certa antecedência em relação a início de atividades de Engenharia em áreas pré-definidas, por meio de prospecções sistemáticas e georeferenciamento dos pontos percorridos, As prospecções serão de quadriculas de 50X50 cm, o que permite a observação da estratigrafia, a identificação de vestígios materiais e delimitação de estruturas arqueológicas.

As prospecções estratigráficas e as análises das evidências arqueológicas no espaço urbano permitem estabelecer obter informações sobre o subsolo quanto a aspectos morfológico, técnicos, paisagísticos, que permitem a compreensão do processo de criação e ocupação do solo, bem como do ordenamento urbano. O estudo contribui para o entendimento das transformações e características construtivas, os materiais utilizados, as técnicas aplicadas, as cronologias relativas, as distribuições espaciais de todos os elementos evidenciados, e, portanto, serve para subsidiar projetos complementares.

## **8. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:**

- ✓ Estudo cartográfico e de imagens de satélite, data base etc., para ampliar o conhecimento das características geográficas e urbanas;
- ✓ Pesquisa bibliográfica e histórica com o objetivo de obter maiores subsídios da área,
- ✓ Entrevistas com moradores e usuários da área, para obter informações sobre outros locais de possível interesse arqueológico na área a ser pesquisada.
- ✓ A busca de evidências arqueológicas será restrita à área de influência direta da implantação do projeto, através de intervenções arqueológicas e acompanhamento das intervenções de engenharia.
- ✓ Com o uso das técnicas cartográficas iniciou-se o estabelecimento de localização das evidências urbanas arqueológicas, que deverão ser

aprimoradas para a execução das intervenções diretas e de acompanhamento.

- ✓ Definição de critérios para as amostras a serem coletadas nas prospecções e no acompanhamento.
- ✓ A segunda etapa das pesquisas arqueológicas corresponde a catalogação dos vestígios arqueológicos, com identificação do local, materiais associados, características estratigráficas, etc.

## **9. DEFINIÇÃO DO POTENCIAL DOS SETORES E METODOLOGIA APLICADA**

Como se pode observar, através das informações obtidas para o Diagnóstico, algumas áreas foram ocupadas a muito mais tempo do que outras, já que bairros surgiram a partir de aterros no século XX. Assim, definimos que:

1. Os setores correspondentes a ocupações mais antigas – como o centro da cidade, Gamboa, Saúde – deverão ser definidos como locais para investigação por GPR, prospecções e, mesmo assim, as obras deverão ser acompanhadas por arqueólogos. Neste caso encontram-se as áreas de trapiches que foram aterrados, a área de intensa ocupação humana e de edificações históricas que sofreram demolições (setores A, B, E, I, J, L). No caso especial da área onde se encontra o Cemitério dos Pretos Novos, as prospecções terão por objetivo a delimitação do mesmo e, o acompanhamento terá por objetivo o registro e resgate dos restos ósseos e cultura material.
2. Nos demais setores (C, D, H, M e N) onde as ocupações se intensificaram no final do século XIX e século XX, as análises arqueológicas poderão utilizar métodos não invasivos como uma arqueologia das edificações e acompanhamento das obras com registros estratigráficos, de ocorrência de cultura material e estruturas.

## **10. FONTES DOCUMENTAIS E CARTOGRÁFICAS**

- ✓ Planta da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Entre 1758 e 1760 BN cart309972
- ✓ Plano da cidade do Rio de Janeiro : situado na latitude de 22°54', e de longitude de 334°53' contados do meridiano da ilha do Ferro. Leão, Manuel Vieira 1770 BN cart309970
- ✓ Planta da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Vilhena, Luís dos Santos 1775 BN cart325890

- ✓ Plano da cidade do Rio de Janeiro : com a parte mais essencial do seu porto e todos os lugares fortificados Bulhões, José Correia Rangel de, 1796 BN cart209337
- ✓ Plano da cidade do Rio de Janeiro elevado em 1791 oferecido ao Ilmo. Senhor Concelheiro Luis Beltrão de Gouveia de Almeida chanceler da rellação desta cidade. Betancurt, Francisco Antonio da Silva -1803 - BN Cartografia ARC.026,05,041
- ✓ Planta da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro : levantada por ordem de sua alteza real... 1812 BN cart177686
- ✓ Planta do Rio de Janeiro Michellerie , E. de La. 1831. BN cart326112
- ✓ Planta da muito leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. 1852 BN cart309952
- ✓ Mappa architectural da cidade do Rio de Janeiro : parte commercial Fragozo, João da Rocha 1874. BN cart175745
- ✓ Planta da cidade do Rio de Janeiro / organizada, sob a direcção do dr. Manoel Pereira Reis, pela Comissão da Carta Cadastral do Distrito Federal, instituída pelo Dr. Candido Barata Ribeiro e publicada na administração do Dr. João Felipe Pereira. Comissão da Carta Corográfica (Rio de Janeiro, RJ). 1900 BN cart523904
- ✓ Planta da cidade do Rio de Janeiro : obedecendo à divisão da cidade em Districtos Planta da cidade do Rio de Janeiro e suburbios. Greiner, Ulrik. 190-?] BN cart451453
- ✓ Municipaes organizada e desenhada por Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos. - Matos, Francisco Jaguaribe Gomes de. 1910. BN cart174229
- ✓ Planta da cidade do Rio de Janeiro... Diretoria Geral de Obras e Viação. 1913 BN cart451495
- ✓ Planta geral da cidade do Rio de Janeiro : de acordo com as ultimas modificações feitas. Bacellar, Carlos Quevedo 1923 BN cart522721
- ✓ Planta da capital (Distrito Federal), provisória e reservada. Serviço Geográfico Militar. 1924 BN cart528552
- ✓ Planta da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro (RJ). Diretoria Geral de Obras e Viação. 1928. BN cart175364
- ✓ Planta informativa da cidade do Rio de Janeiro especialmente organizada para o Guia Briguiet. Ribeiro, Arthur Duarte. 1929 BN cart449499
- ✓ Planta da cidade do Rio de Janeiro com a indicação das ruas, praças, avenidas, jardins, monumentos e edifícios públicos. – 1930 BN cart176033
- ✓ Planta informativa do centro da cidade do Rio de Janeiro. Ribeiro, Arthur Duarte 1932 BN cart451455

- ✓ Carte touristique de la ville de Rio de Janeiro : la capitale des Etats Unis du Brésil. 1937? BN cart773444
- ✓ Planta da cidade do Rio de Janeiro- 1959 BN cart304148
- ✓ Planta-perspectiva do centro da cidade do Rio de Janeiro. Instituto de Economia e Pesquisa (SE). Setor de Geografia e Cartografia. 1965. BN cart391568\_1 e cart391568\_2

## **11. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABREU, Mauricio. *Geografia histórica do Rio de Janeiro, 1502-1700*, Rio de Janeiro: André Jacobson/IPP, 2011

ABREU, Mauricio. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*, 2ª edição, IPLANRIO, 1997.

ARANTES, E. B. *O Porto Negro: Cultura e Trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do séc. XX*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia de Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2005.

AZEVEDO, A.N. A Reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana. *Revista Rio de Janeiro*, nº 10, 2003.

BARREIROS, Eduardo Canabrava. *Atlas da evolução urbana do Rio de Janeiro (ensaio) 1565 – 1965*. Rio de Janeiro, IHGB, 1965.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: Um Hausmann Tropical: as transformações urbanas na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. SMC, DGDIC-DE, Coleção Biblioteca Carioca vol. 11, 1990.

BERGER, Paulo. *Dicionário Histórico das ruas do Rio de Janeiro. (1ª e 2ª Regiões Administrativas-Centro)* Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica Editora, 1974.

BUENO, Eduardo e TAITELBAUM, Paula. *Avenida Presidente Vargas. Um Desfile pela História do Brasil*. Rio de Janeiro: Arco, 2010.

CARDOSO, E. et al. *História dos bairros: Saúde, Gamboa, Santo Cristo*. Rio de Janeiro, Índex, 1987.

CORRÊA, Magalhães. *Terra Carioca – Fontes e Chafarizes*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Memória do Rio de Janeiro, volume 4.

DIAS, A.P. & ROSSO, T.C.A. Do Descobrimento ao Ano 2000. Quinhentos anos dos Sistemas de Saneamento na Cidade do Rio de Janeiro Parte I. *Coletânea em Saneamento Ambiental, Série Temática Recursos Hídricos e Saneamento*. Rio de Janeiro, Fac Engenharia, UERJ , 2010.

FIGUEIREDO, Carlos. *O porto e a cidade: O Rio de Janeiro entre 1565 e 1910*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2005.

FONSECA, J.S. *Capitalidade e Civilização na Reforma Urbana de Pereira Passos (1903-1906)*. Dissertação de Mestrado em Ciência Política, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

FRIDMAN, Fania. *Donos do Rio em Nome do Rei – Uma História Fundiária da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1999.

HOLLANDA, Daniela Maria Cunha. *A barbárie legitimada: a demolição da igreja de São Pedro dos Clérigos do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2007.

GERSON, Brasil. *História das Ruas do Rio*. 5ª edição, Lacerda Editora, Rio de Janeiro, 2000.

HONORATO, C.P. *Valongo: O mercado de Escravos do Rio de Janeiro, 1758-1831*. Dissertação de Mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

LAMARÃO, Sérgio Tadeu Niemeyer. *Dos trapiches ao porto: um estudo sobre a área portuária do Rio de Janeiro*. Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes. DGDIC-DE, Coleção Biblioteca Carioca, vol. 17, 1991.

LIMA, Evelyn Furkim Werneck. *Avenida Presidente Vargas: Uma Drástica Cirurgia*. Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes. DGDIC-DE, Coleção Biblioteca Carioca, vol. 12, 1990.

MARCONI, R. *A Paisagem Carioca na Primeira República. O Lugar da Natureza e a Imagem da Cidade*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – PROURB da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

MELLO, F. F. *A Zona Portuária do Rio de Janeiro: antecedentes e perspectivas*. Dissertação de Mestrado IPPUR. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

MOTTA, M.S.. *A Nação faz 100 Anos – A Questão Nacional no Centenário da Independência*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas – CPDOC, 1992.

PEREIRA, A.L.T. *Notas sobre o Patrimônio Artístico das Irmandades de São Pedro dos Clérigos. I Encontro de História da Arte, IFCH/UNICAMP, 2005*.

PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas & RABHA, Nina Maria de Carvalho Elias. *O porto do Rio de Janeiro: construindo a modernidade*. Rio de Janeiro, Andrea Jacobsson Estúdio, 2004.

PINTO, F.M. *A Invenção da Cidade Nova do Rio de Janeiro: agentes, personagens e planos*. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Planejamento Urbano e Regional, 2007

REBOUÇAS, André. *Companhia das Docas de D. Pedro II nas enseadas da Saúde e da Gamboa no porto do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger, 1871.

THIESEN, I. & BARROS, L.O.C. Rio de Janeiro: memória e espaço portuário. *Memorandum*, 16, <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a16/thiesenbarros01.pdf>, 2009.

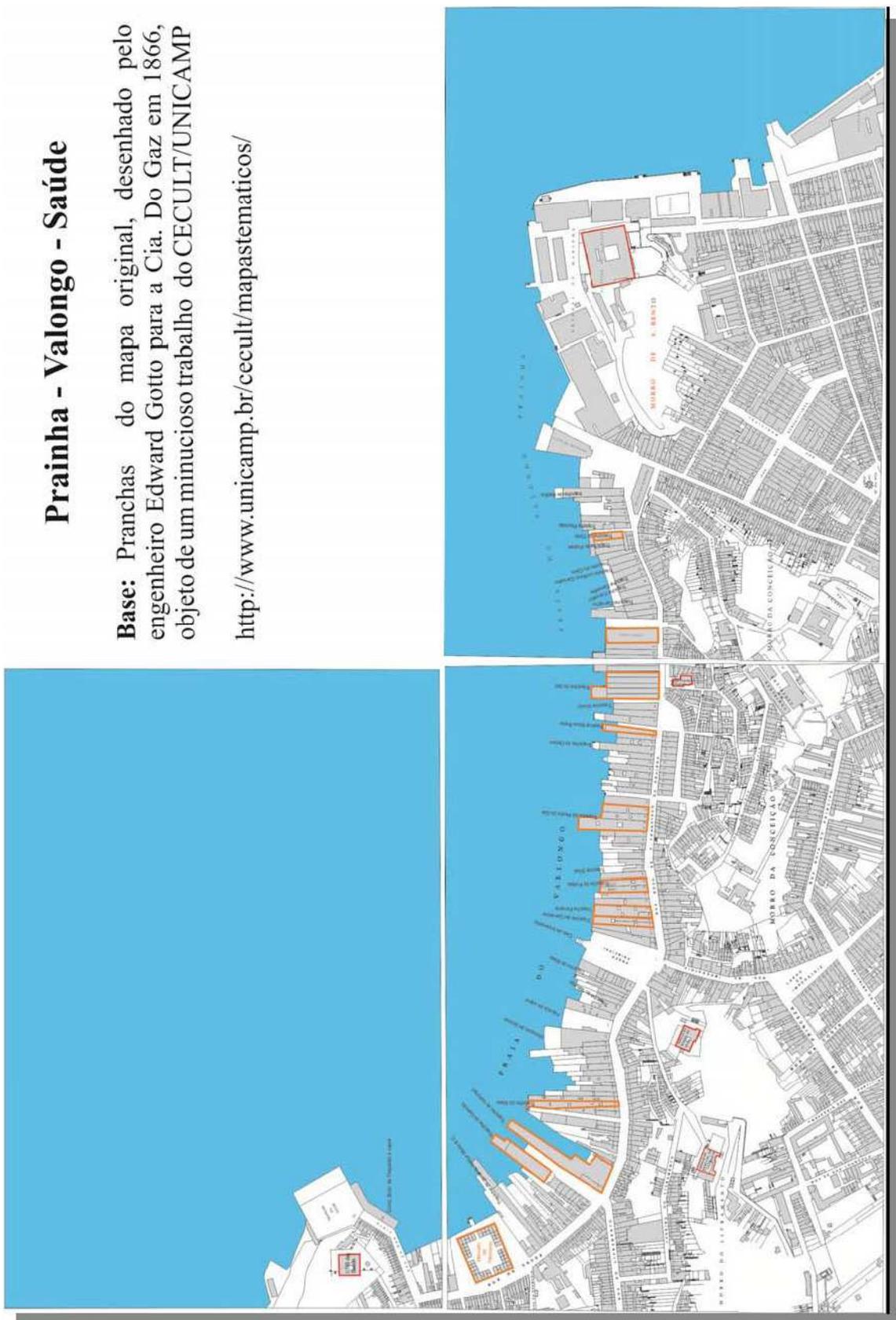
Verderame, E. *Histórias de Igrejas Destruídas*. Editora Hedra, Selo Cachalote, 2010.

## **12. ANEXOS**

## Prainha - Valongo - Saúde

**Base:** Pranchas do mapa original, desenhado pelo engenheiro Edward Gotto para a Cia. Do Gaz em 1866, objeto de um minucioso trabalho do CECULT/UNICAMP

<http://www.unicamp.br/cecult/mapastematicos/>



## Gamboa e Saco do Alferes

**Base:** Pranchas do mapa original, desenhado pelo engenheiro Edward Gotto para a Cia. Do Gaz em 1866, objeto de um minucioso trabalho do CECULT/UNICAMP

<http://www.unicamp.br/cecult/mapastematicos/>

